

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
ENGENHARIA CIVIL

JOÃO BATISTA SILVEIRA BORBA

ANÁLISE DO PERFIL DO PROFISSIONAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL NAS
CIDADES DE CAPÃO DA CANOA E TRAMANDAÍ

São Leopoldo

2017

JOÃO BATISTA SILVEIRA DE BORBA

**ANÁLISE DO PERFIL DO PROFISSIONAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL NAS
CIDADES DE CAPÃO DA CANOA E TRAMANDAÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Engenharia Civil, pelo Curso de
Engenharia Civil da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - Unisinos

Orientadora: Profa. Fabiana Pires Rosa

São Leopoldo

2017

AGRADECIMENTOS

Primeiro, eu gostaria de agradecer a Deus, ou a qualquer que seja a força que reja esse universo, pois sempre me considerei uma pessoa de muita sorte. Sorte que nos leva, por subsequência, ao próximo agradecimento. Sorte em poder agradecer à Deus por ter um pai e uma mãe que tudo que fazem, fazem pensando em mim e na minha irmã. Tenho que agradecer a eles, Paulo e Edite Borba, pelo suor diário derramado para que eu, com conforto, pudesse chegar ao final dessa faculdade. À minha irmã Ana Paula, que além de me aguentar ranzinza, era ela quem resolvia os meus problemas de locomoção, muitas vezes. Agradecer à minha avó Ana, por preocupações e cuidados. Além, é claro, de todos os familiares que sempre me deram muito apoio.

Segundo pelos amigos. Amigos que fiz durante a faculdade e aos anteriores. Pessoas que vão acrescentar para sempre em minha vida. Esses sabem, muito bem, sua importância. Para esse trabalho, em especial, Bruna Nunes, que me ajudou lendo e dando dicas de redação, inclusive com esse texto de agradecimento. À minha orientadora Fabiana Pires, que mesmo com uma demanda gigante de orientandos, aceitou me orientar, e o fez muito bem.

RESUMO

No Brasil, atualmente, tem-se 6,9 milhões de trabalhadores exercendo funções na Indústria da Construção Civil. Esse é um estudo de caso descritivo, aquele onde o autor não interfere nos resultados, apenas os descreve. Buscou-se caracterizar a mão de obra do setor, seus contentamentos e desapontamentos, suas qualificações, necessidades financeiras, entre outros aspectos. Ao pesquisar o perfil desses trabalhadores, nas cidades de Tramandaí e Capão da Canoa, chegou-se aos seguintes resultados: a idade dos trabalhadores concentra-se entre 30 e 40 anos; a maioria dos operários tem 1 ou 2 filhos; a renda per capita mais alta, com uma boa disparidade, é de quem trabalha como mestre de obras; o estado civil se dispôs, majoritariamente, como casado e o período em que estão trabalhando na construção civil passa, em mais de 80% dos casos, de 3 anos. Esse mesmo profissional, em mais de 95% dos casos, quer continuar a trabalhar na área, porém muitos deles gostariam de receber um aumento salarial. Analisou-se, também, que 67% dos entrevistados em Tramandaí e 65% em Capão da Canoa, não possuem nenhum curso de qualificação profissional, mas, em contrapartida, apenas 6% em Tramandaí e 15% em Capão da Canoa não gostariam de fazer nenhum curso de aperfeiçoamento de suas funções. A satisfação do operário, 84% em Tramandaí e 90% em Capão da Canoa, assinalaram ter sua passagem na construção civil como boa ou ótima. Por fim, com esses dados constata-se que o trabalhador tem interesse em se qualificar. Que se as empresas demonstrarem interesse para órgãos governamentais ou, por iniciativa própria gerirem cursos, a qualificação desse profissional demonstra-se viável.

Palavras –chave: Construção Civil, Mão de Obra, Qualificação Profissional

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Índice de Expectativa de Crescimento.....	18
Gráfico 2 – Evolução do Nível de atividade nos Meses de Agosto (2011 – 2017)	18
Gráfico 3 – Idade do trabalhador da Construção Civil em Capão da Canoa	30
Gráfico 4 – Idade do trabalhador da Construção Civil em Tramandaí.....	30
Gráfico 5 – Comparativo de Idade nas Duas Cidades	31
Gráfico 6 – Número de Filhos Por Trabalhador em Capão da Canoa.....	32
Gráfico 7 – Número de Filhos Por Trabalhador em Tramandaí.....	33
Gráfico 8 – Comparativo, número de filhos, Tramandaí e Capão da Canoa	33
Gráfico 9 – Renda Per Capita do Trabalhador em Capão da Canoa	35
Gráfico 10 – Renda Per Capita do Trabalhador em Tramandaí.....	35
Gráfico 11 – Renda Per Capita do Trabalhador nas Duas Cidades	36
Gráfico 12 – Estado Civil do Trabalhador em Capão da Canoa.....	37
Gráfico 13 – Estado Civil do Trabalhador em Tramandaí	37
Gráfico 14 – Período de Trabalho na Construção em Capão da Canoa	38
Gráfico 15 – Período em que Trabalha na Construção em Tramandaí.....	39
Gráfico 16 – Comparativo de Período de Trabalho nas Duas Cidades.....	39
Gráfico 17 – Sequência da Carreira Construção Civil em Capão da Canoa	40
Gráfico 18 – Sequência da Carreira Construção Civil em Tramandaí.....	41
Gráfico 19 – Comparativo Seguimento de Carreira nas Duas Cidades	42
Gráfico 20 – Qualificação Profissional em Capão da Canoa.....	43
Gráfico 21 – Qualificação Profissional em Tramandaí	43
Gráfico 22 – Interesse em se Qualificar em Capão da Canoa	44
Gráfico 23 – Interesse em se Qualificar em Tramandaí	45
Gráfico 24 – Comparativo do Interesse em se Qualificar Nas Duas Cidades	45
Gráfico 25 – Satisfação do Trabalhador em Capão da Canoa	46
Gráfico 26 – Satisfação do Trabalhador em Tramandaí.....	47
Gráfico 27 – Comparativo da Satisfação nas Duas Cidades.....	47
Gráfico 28 – Grau de Satisfação Por Função em Capão da Canoa.....	48
Gráfico 29 – Grau de Satisfação Por Função em Tramandaí	49
Gráfico 30 – Comparativo Grau de Satisfação das Duas Cidades.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo Contas Nacionais	16
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipologia da pesquisa	26
Figura 2 – Mapa do Litoral Norte do Rio Grande do Sul	28

LISTA DE SIGLAS

CBIC	Câmara Brasileira da Indústria da Construção
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CUB/m²	Custo Unitário Básico de Construção Por Metro Quadrado
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PIB	Produto interno bruto
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílio Contínua
Sinduscon-RS Grande do Sul	Sindicato das Indústrias de Construção Civil do Estado do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivo	11
1.1.1 Objetivos gerais.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Delimitações do Trabalho.....	13
2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14
2.1 Atual Cenário da Construção Civil no Brasil	14
2.1.1 Atual Cenário Econômico do Brasil	14
2.1.2 Importância da Construção Civil no Cenário Econômico.....	15
2.1.3 Atual Cenário e Perspectiva para a Construção Civil no Brasil	17
2.1.4 Atual Cenário da Construção Civil no Rio Grande do Sul	19
2.2 Mão de Obra na Construção Civil	20
2.2.1 Mão De Obra.....	20
2.2.2 Principais Tipos de Mão de Obra na Construção Civil	20
2.2.3 Características do Trabalhador na Construção Civil	22
2.2.4 Qualificação da Mão de Obra na Construção Civil	23
2.2.5 Satisfação da mão de obra da construção	24
2.2.6 Tipos de relação de trabalho	25
3 METODOLOGIA	26
3.1 Classificação da Pesquisa.....	26
3.2 Planejamento da Pesquisa	27
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	29
4.1 Perfil do Trabalhador da Construção Civil.....	29
4.1.1 Idade	29
4.1.2 Número de Dependentes	32
4.1.3 Renda Per Capita das Famílias.....	34
4.1.4 Estado Civil	36
4.1 Histórico Profissional e Satisfação Com a Construção Civil	38
4.2.1 Há Quanto Tempo Trabalha na Construção Civil.....	38
4.2.2 Gostaria de seguir carreira na Construção Civil.	40

4.2.2 Já Fez Algum Curso Relacionado à Construção Civil	42
4.2.3 Gostaria de Fazer Algum Curso Relacionado à Construção.	43
4.2.4 Grau de Satisfação em Trabalhar na Construção Civil.	45
4.2.5 Grau de Satisfação em Trabalhar na Construção Civil, analisado por função.	47
4.2.6 Proposta de Qualificação Para a Região.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXO	57

1 INTRODUÇÃO

Não é segredo para ninguém que hoje o Brasil se recupera de uma crise econômica grave, crise essa que mudou os parâmetros em que se gerenciava a mão de obra, os materiais, o setor administrativo, comercial, entre outros da construção civil. Tem-se, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, diversos exemplos de empresas de médio a grande porte que fecharam suas portas ou pararam de atuar na região nos últimos anos, fator que impacta diretamente na mão de obra disponível e acaba alterando valores, exigências de qualificações, períodos de experiência e diversas outras imposições do mercado sobre o trabalhador.

Atualmente, o país está à procura de formas para restabelecer o crescimento da economia. A construção civil desempenha um papel importantíssimo para alcançar essa reestrutura. Nos últimos três anos, por exemplo, a taxa real de crescimento da construção civil teve um déficit. A partir de 2015, as taxas foram de 2,1%, -6,5% e -5,2%, nos anos subsequentes. Comparando esses dados diretamente com a taxa real de crescimento do PIB nacional, tem-se números de 0,5%, -3,8% e -3,6%, nos mesmos anos em sequência. Essa comparação demonstra que os números da construção civil acompanham os de crescimento e decréscimo do PIB nacional. CBIC (2017).

Outro problema social é a quantidade de empregos formais que tem à disposição da população. Ainda não se consegue, sequer, estabilizar a quantidade de desempregados. Conforme notícia publicada em abril de 2017 pela EBC Agencia Brasil, o Brasil teve um crescimento de 14,9% de desempregados em relação ao trimestre anterior, totalizando cerca de 14,2 milhões de pessoas sem emprego, dados esses retirados do IBGE (2010), (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Segundo publicação realizada no ano de 2010 no site do governo federal, a mão de obra da construção civil tem o melhor salário e é o setor com o maior número de vagas de emprego. Isso ressalta, ainda mais, a importância do setor no âmbito econômico-social do país, na época a notícia baseava-se em dados do CBIC. Oliveira (2017).

A construção civil sempre carece de mão de obra qualificada. Cruz (2009, apud Leão, MVM,2016) diz que 60% do profissional da construção civil tem baixo nível de escolaridade, diz ainda que 10% dos trabalhadores da área não sabem

assinar o próprio nome. Esses indicadores preocupam, pois, muitas das funções básicas da construção civil necessitam de certo nível educacional. Essas limitações educacionais no trabalhador vão na contramão da quantidade de cargos diferentes que se tem na construção civil, quais sejam, mestre de obras, carpinteiro, pedreiro, servente, instalador elétrico, instalador hidráulico, entre outros.

O fator mão de obra qualificada continua sendo um dos problemas para a indústria da construção civil, mais lembrados por gestores e incorporadores da área. Conforme pesquisa feita pelo CNI (2011), (Confederação Nacional da Indústria) e CBIC (2011), cerca de 69% das empresas assinalaram esse problema. No cenário atual, com base em dados do IBGE, através da Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio Contínua, (PNAD Contínua) o total de ocupados na área da construção civil em março 2018 retraiu 4,1% em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso mostra que a antiga facilidade de se conseguir emprego na construção civil acabou fazendo com que os profissionais mais qualificados mantivessem seus empregos e que, novos profissionais com pouca experiência, tiveram mais dificuldades em adquirir colocação.

1.1 Objetivo

1.1.1 Objetivos gerais

O objetivo geral é definir o perfil do trabalhador da construção civil nas cidades litorâneas de Tramandaí e Capão da Canoa e propor as construtoras ou ao setor ações de melhoria na área de qualificação da mão de obra.

1.1.2 Objetivos específicos

Este trabalho apresenta como objetivos específicos identificar os seguintes pontos referentes à região definida:

- a) traçar perfil do trabalhador, tal como: idade, cargo/função, estado civil, período atuando na construção civil, entre outros;
- b) identificar o interesse da mão de obra em se qualificar, medir o grau de satisfação dos trabalhadores com a situação e trabalho atual;
- c) Propor ações para qualificação da mão de obra no setor.

1.2 Justificativa

Levando em consideração o aumento de demanda nos últimos anos, que antecedeu a última crise, a expansão da construção civil acabou por necessitar de um maior empenho no que diz respeito a qualificar a mão de obra. Essa qualificação faria com que o trabalhador desempenhasse melhor sua produtividade, agilidade, qualidade, economia de tempo, matéria prima, uma conscientização maior com o meio ambiente, além de facilitar com que a tecnologia da construção civil pudesse evoluir. Mas o que ocorreu foi o oposto disto, como disse Cruz, (2009 apud Leão MVM, 2016) 60% do trabalhador da área não possui um nível considerável de escolaridade, tampouco qualificação profissional da área.

Analisando o ramo da construção civil, apesar de ser um dos setores de maior importância para o crescimento nacional, pode-se constatar que é um dos setores que menos desenvolveu-se tecnologicamente. Segundo Cordeiro (2002), isso se deve muito à resistência do próprio profissional da construção civil que, por não ter qualificação para operar novas tecnologias, desempenha resistência para que essa seja empregada dificultando, assim, a evolução do próprio serviço, como por exemplo o de todo o setor construtivo.

Conforme Abrahão (2011), a mão de obra direta representa quase metade do valor total do CUB/m², (Custo unitário básico por metro quadrado), cerca de 48%. Isso mostra que ter uma mão de obra qualificada, que minimize o tempo perdido, equacione o potencial produtivo, ou seja, menor número de operários desempenhando a mesma função, pode baixar e muito o custo final de uma edificação. Sem mencionar que uma mão de obra qualificada desperdiça menos material e significa menor tempo de execução, melhorando o produto final e uma maior satisfação dos clientes externos.

A construção civil necessita de um cuidado maior com a mão de obra. Para isso, é preciso conhecer melhor o trabalhador, sua educação, seu círculo familiar, suas dificuldades diárias e sua qualificação para desempenhar suas tarefas de obra. Com isso, pretende-se compreender todos esses fatores através de uma pesquisa realizada em obras de médio e grande porte nas cidades de Tramandaí e Capão da Canoa.

1.3 Delimitações do Trabalho

A pesquisa feita em 2018 envolve trabalhadores do setor da construção civil, em obras residenciais, com no mínimo cinco pavimentos, tendo na região um máximo de 18 pavimentos. Obras essas localizadas nas cidades de Capão da Canoa e Tramandaí.

Ao traçar o perfil do trabalhador da construção foram considerados os seguintes critérios: situação financeira, dependentes, idade, satisfação com o emprego e empregador; vontade de seguir trabalhando na construção civil; Se detêm algum curso de qualificação profissional e se gostaria de fazer algum.

Foram analisados profissionais que desempenham papéis que contribuem nas execuções dentro de canteiros de obra como: serventes, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, instaladores hidráulicos e elétricos e mestres de obra foram questionados.

Os tipos de canteiros de obra no qual os profissionais foram abordados, são de edificações comerciais, residenciais em lotes públicos e condomínios, estruturação de condomínios, além de obras públicas, tanto de manutenção, como de novas infraestruturas. A abordagem ocorreu em dez obras em Tramandaí e quinze em Capão da Canoa.

Não foram utilizados métodos estatísticos para definir a amostra de trabalhadores a ser entrevistadas em função do período de análise e recursos.

2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2.1 Atual Cenário da Construção Civil no Brasil

2.1.1 Atual Cenário Econômico do Brasil

Os tributos no Brasil são incrivelmente altos e, em contrapartida, o retorno fornecido pelo Estado, no que tange à saúde, segurança pública, educação, saneamento básico, entre outros, é precário e insuficiente. Pode-se verificar uma saúde pública deficitária, uma segurança com baixo efetivo e salários sujeitos a corrupção, saneamento que em muitos lugares não contam nem com água tratada. Este panorama não corresponde aos impostos cobrados. (VARSAÑO et al., 1998)

Atualmente, o país passa por uma situação de recuperação econômica. Um passado recente indicava vetores de que o país andava na direção errada. Conforme registro do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), teve-se por dois anos seguidos uma retração no PIB (Produto Interno Bruto). A partir do ano de 2010, no qual houve o auge do crescimento nacional, o PIB só caiu. Em 2014, esse crescimento foi de apenas 0,5%, o que só não assustou mais que as retrações de 3,8% e 3,6% nos anos subsequentes. CBIC (2017).

Segundo o Governo Federal (2017), o Brasil volta a crescer. A notícia diz que haverá um crescimento de aproximadamente 0,5%. Crescimento modesto, mas que já mostra mínimos sinais de recuperação. Além disso, a notícia supracitada refere que o IPCA (Índice de Preço ao Consumidor Amplo), índice que mede a inflação do país, teve uma pequena retração em sua estimativa. Passou de 3,93% para 3,92%, o que por menor que seja já pode ser considerado um ponto a gerar otimismo.

Conforme referiu Miranda et. al. (2017), o país passa por uma redução na natalidade, acompanhado por uma diminuição da mortalidade e aumento na expectativa de vida. De acordo com a autora, nessa nova fase, o investimento em saúde e educação é de suma importância para o crescimento do país. Em 2012, a pobreza teve uma significativa redução, porém 15,9% da população ainda se enquadra nessa faixa social. Gonsalves (2016) aduz que a crise econômica no país assola ainda mais a desigualdade social e debilita a dignidade do trabalhador.

A partir da Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílio Contínua, realizada no início do ano e divulgada pelo IBGE, tem-se que o desemprego continua crescendo

no Brasil. Tem-se hoje 14,2 milhões de desempregados no país, segundo a pesquisa feita em março de 2017. Se for comparado o trimestre da pesquisa com o trimestre anterior de outubro a dezembro, tem-se um crescimento de 14,9% de desempregados. Cerca de 1,8 milhões de brasileiros a mais sem emprego, fato que não contribui para o cenário econômico atual. (OLIVEIRA, 2017).

Gonsalves (2016) propõe a expansão dos trabalhos alternativos de produção de renda, com a finalidade de gerar emprego e recuperar a economia. O autor indica que as melhores vertentes para se resgatar a dignidade do trabalhador hoje no Brasil seria a valorização da mão de obra, através de cooperativismo e terceirização da mão de obra.

2.1.2 Importância da Construção Civil no Cenário Econômico

Teixeira et. al (2005) expõem que países subdesenvolvidos ou com um crescimento retardado, como é o caso do Brasil, sempre tiveram que optar por setores de investimento. Isso ocorre porque os recursos, que são escassos, tornavam precários os investimentos em algumas áreas, fazendo com que o Estado tivesse que escolher setores que dessem bons retornos as economias locais. Isso é um problema, pois algumas áreas, também importantes pra economia, ficam à mercê de investimento público.

Que a construção civil sempre desempenhou um papel importante na economia nacional, é fato. A partir de 2009, quando se disseminou para o resto do mundo uma crise que provinha do setor imobiliário dos Estados Unidos, o Brasil, a partir de um projeto do governo federal chamado (PAC) Projeto de Aceleração do Crescimento, viu uma forma de se defender da crise que assolava o mundo. Conforme Souza et. al. (2015), o projeto viria para promover aceleração do crescimento do emprego, qualidade de vida e, ainda, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Conforme os autores, esse programa partia de um incentivo de investidores privados, com o aumento do investimento público em obras de infraestrutura, além de diminuir as dificuldades para o crescimento econômico. A ideia era alcançar parâmetros de crescimento adotados pelo governo e, ainda, reduzir o déficit habitacional que se tem no Brasil. Para o setor privado da construção civil, surgiam programas como o “Minha Casa, Minha vida”. Esse programa, realizado por meio da Caixa Econômica Federal, consiste em liberar

créditos para famílias, cuja renda seja de até três salários mínimos, tenham a oportunidade de adquirir casa própria, impulsionando, assim, a construção civil, gerando emprego e crescimento econômico.

A indústria da construção civil, além da parte econômica, desempenha um papel fundamental para a criação de vagas empregatícias. Conforme dados tirados do PNAD Contínua, 6,9 milhões de brasileiros ocupam vagas no setor da construção, de um total de 91 milhões, acima de 14 anos. Isso significa uma parcela de 7,5% do trabalhador nacional. Esses dados ficam ainda mais significativos quando associados a outros setores como, por exemplo, o da indústria e o da agricultura, que representam, respectivamente, 13,19% e 9,4%, sendo esses dois os maiores empregadores do país. Conforme notícia vinculada no site do governo federal no ano de 2010, a construção era o setor com maior número de empregados, além de suprir da melhor média salarial do país. (CBIC, 2017).

Conforme tabela 1, retirada do site do CBIC e com dados do IBGE, percebe-se a relação direta do Valor Adicionado Bruto da Construção Civil, com o Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Pegando apenas os últimos três anos, se pode ver em números do PIB um crescimento de 0,5% em 2014 e uma redução de 3,8% e 3,6 nos anos subsequentes. Já na construção civil houve uma redução de 2,1%, 6,5% e 5,2% nos anos de 2014, 2015 e 2016, respectivamente. (CBIC, 2017).

Tabela 1 – Resumo Contas Nacionais

RESUMO CONTAS NACIONAIS: PIB e VAB TOTAL BRASIL, VAB INDÚSTRIA e VAB CONSTRUÇÃO CIVIL
TAXA % DE CRESCIMENTO DO PIB TOTAL, VAB CONSTRUÇÃO CIVIL e PARTICIPAÇÕES %

ANO	PIB BRASIL - Valores Correntes (R\$ 1.000.000)	VALOR ADICIONADO BRUTO - VABpb Valores Correntes (R\$ 1.000.000)			TAXA REAL DE CRESCIMENTO (%)		PARTICIPAÇÃO DO VABpb CONSTRUÇÃO CIVIL	
		BRASIL	CONSTRUÇÃO CIVIL	INDÚSTRIA	BRASIL - PIBpm	CONSTRUÇÃO CIVIL - VABpb	VABpb TOTAL BRASIL (%)	VABpb INDÚSTRIA (%)
2000	1.199.092	1.031.326	71.780	275.871	7,0	26,0
2001	1.315.755	1.120.422	70.182	297.881	1,4	(1,6)	6,3	23,6
2002	1.488.787	1.270.215	81.980	334.908	3,1	4,8	6,5	24,5
2003	1.717.950	1.470.717	67.878	396.569	1,1	(8,9)	4,6	17,1
2004	1.957.751	1.661.982	82.057	475.863	5,8	10,7	4,9	17,2
2005	2.170.585	1.842.818	84.571	524.686	3,2	(2,1)	4,6	16,1
2006	2.409.450	2.049.290	89.102	567.281	4,0	0,3	4,3	15,7
2007	2.720.263	2.319.528	105.871	629.071	6,1	9,2	4,6	16,8
2008	3.109.803	2.626.478	114.802	717.907	5,1	4,9	4,4	16,0
2009	3.333.039	2.849.763	154.624	729.222	(0,1)	7,0	5,4	21,2
2010	3.885.847	3.302.840	206.927	904.158	7,5	13,1	6,3	22,9
2011	4.376.382	3.720.461	233.544	1.011.034	4,0	8,2	6,3	23,1
2012	4.814.760	4.094.259	265.237	1.065.682	1,9	3,2	6,5	24,9
2013	5.331.619	4.553.760	290.641	1.131.626	3,0	4,5	6,4	25,7
2014	5.778.953	4.972.734	306.946	1.183.094	0,5	(2,1)	6,2	25,9
2015 *	6.000.570	5.154.333	304.304	1.151.746	(3,8)	(6,5)	5,9	26,4
2016 *	6.266.895	5.414.586	305.027	1.150.218	(3,6)	(5,2)	5,6	26,5

Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais.

2.1.3 Atual Cenário e Perspectiva para a Construção Civil no Brasil

Matos (2016) faz perspectivas muito favoráveis para a indústria da construção civil nos próximos anos. Relata que poderá ser visto um crescimento mais considerável a partir do ano de 2018. No próprio ano de 2018, mesmo que modestamente, já poderá ser constatado certo levante do setor. Sua perspectiva baseia-se em sua experiência de tempo de formação. Ele refere que em 30 anos atuando na área já presenciou quatro ou cinco vezes situações semelhantes a essa, com diferentes intensidades. Sua crença baseia-se em três pontos: primeiramente, explica que as construtoras, empreiteiras e subempreiteiras que tinham de ser atingidas por corrupção, foram atingidas. Profissionais envolvidos nos esquemas foram, praticamente, todos desligados de seus cargos. O segundo fator é que a Construção Civil é o motor da economia nacional, ou seja, é altamente improvável que não haja investimentos e apoios ao setor. E o terceiro ponto seria o rearranjo institucional que está presente, apesar de lento, já dando sinais de estar em curso.

Gonsalves (2015) explica que a construção civil é um setor pro-cíclico, ou seja, é um setor que acompanha o crescimento e a depressão da economia como um todo. Refere também que o auge de crescimento do setor foi constatado em 2010 e que, nos anos seguintes, entrou em queda exponencial, a qual passou a ser mais aguda a partir do ano de 2013. Entre 2008 e 2013, a construção civil nacional criou cerca de 1,5 milhões de empregos novos, mas a partir de 2013, o setor entrou em um período mais obscuro. Ainda em 2013, pela alta demanda de obras em curso e pela baixa procura dessas, os preços das construções habitacionais começaram a cair. Essa situação se agravou em 2014, com a recessão econômica como um todo.

A Sondagem Indústria da Construção, feita pela Confederação Nacional da Indústria – CNI (2017), em parceria com o (CBIC), no mês de agosto de 2017, considerou que a confiança do empresário, associada a novos empreendimentos, número de empregados e comercialização de matérias primas são todos índices otimistas para o mercado, o que não acontecia desde 2013. Apesar de esses indicadores ainda serem negativos, os números apresentam uma boa redução em sua queda, sendo, portanto, interpretados como uma melhora gradativa do setor. Conforme pode-se ver no gráfico 1, retirado dessa mesma sondagem, a expectativa de crescimento mês a mês desde setembro de 2016.

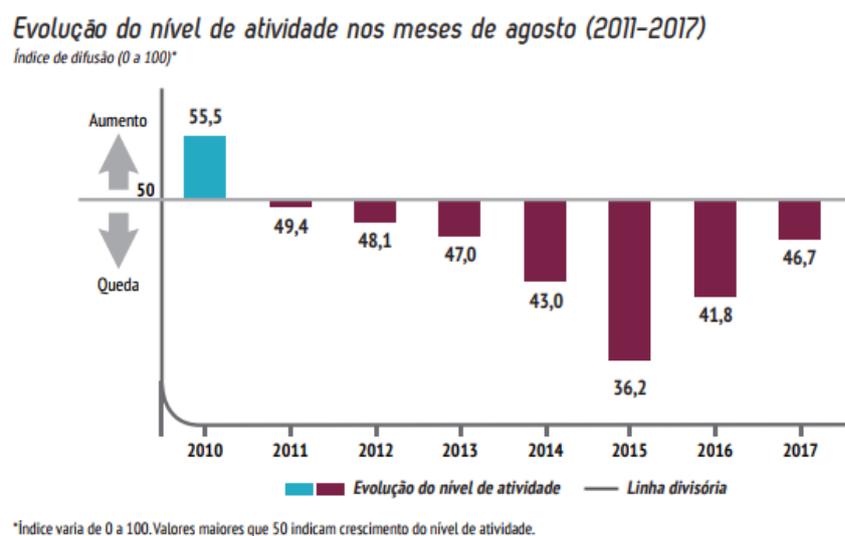
Gráfico 1 – Índice de Expectativa de Crescimento



Fonte: Sondagem indústria da construção. ISSN 2317-7322. Ano 8. Número 8.
Agosto 2017

Um segundo gráfico, (gráfico 2), ainda da CNI (2017), mostra a evolução dos níveis de atividade da construção nos meses de agosto a partir do ano de 2010. Esse gráfico demonstra a queda da pontuação que se teve no ano de 2015 e, pelo segundo ano consecutivo, os indicadores mostraram uma melhora, gerando um otimismo no setor.

Gráfico 2 – Evolução do Nível de atividade nos Meses de Agosto (2011 – 2017)



Fonte: Sondagem indústria da construção. ISSN 2317-7322. Ano 8. Número 8.
Agosto 2017

Com esse possível crescimento do setor, como saber em quem apostar? Segundo Mattos (2016), a aposta de melhora se mostra em direção das empresas de médio e pequeno porte. As grandes empresas estão abaladas pelos programas de anticorrupção, além da disponibilidade dos bancos que, partindo da baixa procura das grandes construtoras, procurará destinar seu crédito a empresas com solides financeiras, sendo essas as empresas de médio porte. Outro fator suposto por Mattos é que os investidores estrangeiros gostam de investir em momentos de crescimento, mas em pontos de baixa, no qual o valor para se investir é menor.

2.1.4 Atual Cenário da Construção Civil no Rio Grande do Sul

Se a âmbito nacional a perspectiva futura é positiva, no Estado do Rio Grande do Sul não é diferente. Segundo notícia própria do Sindicato da Indústria da Construção, Sinduscon-RS (2017), o setor imobiliário se mostrou-se estável em comparação de agosto deste ano, com agosto de 2016. Fator esse positivo, pois mostra uma diminuição da retração. Já o lançamento de novos imóveis, em comparação com abril de 2015 e março de 2016, 2017 obteve um aumento de 18%. O que significa 2949 novas unidades em março de 2017.

Através de Carta de Conjuntura, divulgada pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), Colombo et. al. (2016) falam que, após o oitavo semestre seguido em queda, o setor volta a crescer. Colombo et. al. dissertam que as expectativas para os próximos meses condizem com o final de sua recessão, todavia, essa melhora se dará gradualmente. Apesar do pouco otimismo, os investidores e empresários do setor já se mostram mais confiantes. Segundo os pesquisadores, os fatores mais importantes para essa confiança são a redução das taxas de juros e o número das concessões de créditos pararem de cair.

Outro ponto positivo para a Construção Civil do Rio Grande do Sul, conforme divulga o Sinduscon-RS (2016) é que, ao contrário do resto do país, o setor no Estado criou cerca de 900 novas vagas em 2016. O saldo que já foi de 154600 trabalhadores desocupados no setor em 2014, hoje não passa de 124400.

2.2 Mão de Obra na Construção Civil

2.2.1 Mão De Obra

De acordo com Sandroni (1985), mão de obra é o esforço manual empregado diretamente na produção industrial. Conforme Souza (1996), a mão de obra é a matéria mais valiosa dentro da construção civil, não apenas por seu valor significar boa parte do preço final de uma edificação, mas também por ela vir de seres humanos, os quais necessitam de vários cuidados que devem ser supridos.

Segundo Borges et. al. (2004), o canteiro de obra é um local onde a produtividade é, de certa forma, unificada. Esse local é composto de muitas tarefas, uma dependente da outra, o que, no fim das contas, abre brecha para que a culpa seja transferida em caso de falta ou má execução. A execução, por sua vez, está muitas vezes sujeita a improvisações, pois inúmeras situações vêm de subsequências de erros ou às vezes por perigos impostos pelas funções. Esses fatos, na maioria das vezes, diminuem o nível do serviço e, por assim dizer, desvaloriza ainda mais a mão de obra, a qual, historicamente, já é pouco valorizada no Brasil.

Borges et. al. (2004) ainda referem sobre dois conceitos de trabalho, quais sejam, Trabalho Prescrito e Trabalho Real. O Trabalho Real seria aquele em que realmente terá de ser feito em canteiro, aquele que se adapta perante as dificuldades de execução e correção de erros não previstos de outros até ali. O Trabalho Prescrito, por sua vez, é aquele pré-dimensionado, designado por superiores, baseando-se em projetos e planejamentos de execução. Por isso, é necessário que a pessoa que delega esses serviços tenha uma boa vivência em canteiro, saiba das dificuldades que os trabalhadores enfrentam e veja os problemas que chegam de anteriores dentro da mesma obra.

2.2.2 Principais Tipos de Mão de Obra na Construção Civil

A construção civil é composta por muitos cargos. Em uma tabela recente de médias salariais, o Sinduscon-RS listou os principais cargos dentro do canteiro de obras, são eles: mestre de obra, pedreiro, servente, carpinteiro, ferreiro (armador),

pintor, apontador, eletricitas (oficial, meio oficial e ajudante) e instaladores hidráulicos (oficial, meio oficial e ajudante). (Sinduscon-RS, 2017).

De acordo com o Ministério do Trabalho (2017) cada cargo apresentam suas funções que são abordadas a seguir:

- O mestre de obras tem como função a supervisão dos trabalhadores que prestam serviços em concreteiras, canteiros de obras civis e ferrovias. Zela pelo padrão da edificação, controle de materiais, orientação de subordinados e segurança dos trabalhadores, além de administrar e elaborar documentações técnicas e cronogramas de obras;

- Os pedreiros têm, entre suas funções, atividades como organização e preparo do canteiro de obra, construção de fundações e alvenarias, aplicação de revestimentos e alvenarias;

- Os serventes ou ajudantes de obras civis atuam demolindo edificações de concreto armado, alvenarias e outros, limpeza de maquinários e ferramentas, preparam o concreto e demais materiais, assim como escavação e compactação do solo;

- Carpinteiro é o trabalhador que, por meio de projetos estruturais, se responsabiliza em confeccionar as formas das estruturas para concreto armado, tais como lajes, vigas, pilares e escoramentos. Faz estruturas relacionadas à segurança, armazenamento e seleção de materiais reutilizáveis, montam aberturas, entre outras funções;

- Ferreiros (armadores), têm como função interpretar projetos e montar as armaduras dos elementos de concreto armado como lajes, vigas, pilares e corpos de prova. Também montam e aplicam armaduras de fundações;

- Pintor prepara as superfícies a serem pintadas, quantifica os materiais de pintura, identifica e prepara as tintas à aplicação, pule as superfícies, além realizar reparos e cuidados com os materiais a serem utilizados;

- Apontador é o responsável por verificar as frequências de presenças dos trabalhadores, conferir a chegada de materiais, fazer relatórios e organizar a parte documental, como recibos, por exemplo;

- Os eletricitas são divididos em três cargos: oficial, meio oficial e ajudante. De modo geral, são responsáveis pelas instalações e manutenções elétricas. Fazem

interpretação de projetos e normas, quantitativos de materiais e zelam pela segurança dos outros trabalhadores no que se refere à parte elétrica;

- Instaladores hidráulicos, assim como os eletricitas, também são divididos três cargos. Generalizando, se responsabilizam pelas instalações e manutenções hidráulicas, calculam a quantidade necessária de materiais para realização das tarefas, além de interpretar projetos e normas.

2.2.3 Características do Trabalhador na Construção Civil

A indústria da construção tem por característica a mudança constante de lugar. Obras são provisórias e os operários nômades. Isso contribui com riscos à saúde do operário, tanto em relação com acidentes quanto salubridade. O conforto disposto para esses trabalhadores também é muito precário na maioria dos canteiros de obra. Todos esses fatores contribuem para que a padronização executiva seja baixa, o produto final tenha uma grande variação de obra para obra e a utilização de mão de obra cresça. (MESEGUER, 1991).

O SESI (2005), Serviço Social da Indústria, fez uma pesquisa em 2003 que analisava a escolaridade do trabalhador por setor. Constatou que 1,6% dos trabalhadores da construção civil eram analfabetos, 52,2% tinham o ensino fundamental incompleto e 19,9% apenas o fundamental completo. Ou seja, 73,7% dos trabalhadores não chegaram sequer a frequentar o ensino médio. Outro artigo publicado por Cordeiro et. al. (2002), em Feira de Santana, mostrou que lá 3,93% dos operários são analfabetos e que assombrosos 33,34% são analfabetos funcionais, isto é, não conseguem ler e interpretar um texto simples. Trazendo um estudo mais recente e mais próximo da nossa realidade no Rio Grande do Sul, Dal Bello (2015) através de pesquisa feita em Santa Maria, diz que uma parcela insignificativa se declarou analfabeto, o que já é um avanço. Mas a mesma pesquisa diz que 34% dos trabalhadores da construção civil estudaram apenas até a quarta série e que 76% dos operários não chegaram sequer ao ensino médio.

O Sinduscon - Florianópolis (2016), realizou uma pesquisa do perfil do trabalho na construção civil em um locais próximo de nossa região, Florianópolis. Em Florianópolis segundo o Sinduscon, os trabalhadores da região têm idades bem variadas, mas sendo maioria entre 18 e 35 anos, 48,5% têm origem local, sendo a maioria dos outros 51,5% natural do nordeste brasileiro. Apenas 6,8% são do sexo

feminino. Quanto à cor da pele, 50,3% declararam-se brancos, 11,1% negros e 38,2% morenos. Casados ou com união estável são 47,2% e solteiros 47,5%. Para ter uma ideia melhor da região sul do Brasil, Dal Bello (2015) trouxe os seguintes dados: Entre 18 e 30 anos, 30%, de 30 a 50 anos, 34% e 28% de 50 a 60 anos. O estado civil se dá de 58% solteiros e 42% casados, vindos 46% de zonas rurais.

Para fazer-se uma análise da evolução salarial da construção civil, leva-se em consideração o salário do operário base, supostamente com o menor salário, o servente, ajudante geral. Conforme do Sinduscon – João Pessoa (2017), em 2013 esse trabalhador ganhava R\$ 750,00 bruto. Em 2014, R\$ 817,50, R\$ 880,00 em 2015, R\$ 968,00 em 2016 e em 2017, R\$ 1031,50. Já o Sinduscon – RS (2017), diz que o salário em outubro de 2017 do servente é de R\$ 890,00 bruto. Comparando o crescimento do salário mínimo nacional, que de 2013 para cá subiu 38,2%, o salário do servente da construção subiu em média 37,5%. CBIC (2017).

Agora, se for mencionado a evolução de pessoas acima de 14 anos ocupadas na indústria da construção civil, comparando os meses de abril a junho de cada ano, de 2012 para cá tem-se: 7,4 milhões em 2012, 7,8 milhões em 2013, 7,8 milhões em 2014, 7,1 milhões em 2015, 7,4 milhões em 2016 e em 2017, 6,7 milhões. Isso representa uma retração de 9,5% de pessoas empregadas. IBGE (2017).

2.2.4 Qualificação da Mão de Obra na Construção Civil

A indústria da construção, principalmente a produção de edificações, apresenta resistência quando refere-se à modernização. A implantação de programas de qualidade e produtividade, na maioria das vezes, apresenta problemas. Ao se falar em novos procedimentos e tecnologias, as obras têm que passar por reformulações que vão do engenheiro ao mestre de obras. Por esses motivos, a conscientização em todos os níveis hierárquicos é imprescindível. Isso pode ser aplicado desde simples treinamentos para os gerentes inferiores ou até mesmos pelos chamados *Action Learning*, que são instruções organizacionais para as altas gerências. (HIROTA, 1996).

Cordeiro (2002) apresenta que a satisfação e motivação dos operários são pontos chaves para a implementação de novas ideias organizacionais. Para isso, é preciso entender as necessidades dos trabalhadores e quais fatores são importantes para que os faça ter esse grau de comprometimento.

Josefi et. al. (2010) falam da necessidade da aplicação de novos treinamentos para a mão de obra. Fala que é preciso aplicar qualificações visadas para os dois sexos, femininos e masculinos, aproveitando habilidades individuais. Precisa-se tirar da cabeça do trabalhador, que ele é apenas executor, mostrar-lhe que ele é um operário da indústria da construção e que seu papel é programático e necessário. O operário mal treinando executa serviços de baixa qualidade, além da baixa produtividade. Quando se coloca mais conhecimento específico no trabalhador, o torna mais especializado, faz com que seu interesse pelo trabalho aumente e assim, aumente sua produção e qualidade.

Salgado (2003 apud Josefi et. al. 2010) aponta que as empresas da construção civil buscam mão de obra qualificada, mas por outro lado não se dispõem a oferecer treinamentos aos trabalhadores. Isso porque, a mão de obra da construção civil apresenta alta rotatividade, fazendo com que, financeiramente e operacionalmente, não valha a pena qualificar o trabalhador.

O site do SEBRAE (2017) apontou pesquisa feita pelo Fórum Econômico mundial, no qual diz que o Brasil ocupou em 2015 o 78º lugar em um *ranking* de 124 países pesquisado e ficou apenas 15º na América Latina. A pesquisa analisou entre outros fatores, educação, mercado de trabalho e treinamento oferecidos pelas empresas. O site ainda diz que através de pesquisa realizada pela Federação das Industrias do Rio em 2016, 60% das empresas tinham intenção de contratar, mas que apesar das aberturas de vagas, não contratava pois não achava mão de obra qualificada.

Cordeiro et. al. (2002) observou que apenas 3,92% do operário da construção havia algum tipo de curso preparatório para as suas funções, número este considerado muito baixo. Assim as funções desempenhadas na construção civil são ensinadas por colegas no próprio canteiro, o que coopera com que hajam formações de “vícios”, comprometendo a qualidade das execuções. Destaca-se também que o maior número de formação, é de ferreiro (armador), compreendido na faixa etária de 31 à 50 anos.

2.2.5 Satisfação da mão de obra da construção

O Sinduscon – Florianópolis (2015) fez pesquisa que apontou o grau de satisfação do trabalhador. Nela dizia que 86,7% do trabalhador da construção civil

de Florianópolis estavam satisfeitos com seu emprego. Quando indagados os que não estavam satisfeitos, apontaram como principal fator o motivo financeiro, seguido de reconhecimento pelo serviço e benefícios oferecidos pelas empresas.

2.2.6 Tipos de relação de trabalho

Através de notícia publicada pelo site do CBIC (2017), no Brasil hoje, um dos grandes problemas sociais que se tem, é a informalidade do trabalhador na indústria da construção civil. De acordo com os números divulgados através da *“Pesquisa Sobre os Impactos da Responsabilidade Social na Indústria da Construção”*, divulgados no 89º ENIC, a construção civil emprega no Brasil 2,2 milhões de trabalhadores legalizados e coloca outros 2 milhões de operários informais. Isso representa hoje, mais de R\$ 6 Bilhões para a Previdência Social, além de é claro, fazer com que esses trabalhadores percam seus direitos. A concorrência de empresas que contratam informais para as que são representadas pelo CBIC é completamente injusta. De acordo com a mesma pesquisa, 36% do trabalhador informal entrevistado, não sabe o que é “Trabalho Informal”, outros 14,1% acham que é “Trabalhar por conta própria” e 5% acreditam ser “Trabalho Autônomo”.

No formato legal, as construtoras podem contratar através do regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Fazendo assim com que o trabalhador disponha de todos seus benefícios e ainda faça a correta contribuição dos tributos. Ainda no formato legal, existem formas de terceirização da construção de uma obra. Uma construtora pode contratar uma empresa pessoa física ou jurídica para realizar a obra. A construtora firma o chamado “Contrato Civil” com uma empreiteira, determinando valores para que a mesma realize a obra. Partindo disso, existe a possibilidade dessa empreiteira designar parte do serviço para outros, configurando a subempreitada. (CBIC, 2014).

3 METODOLOGIA

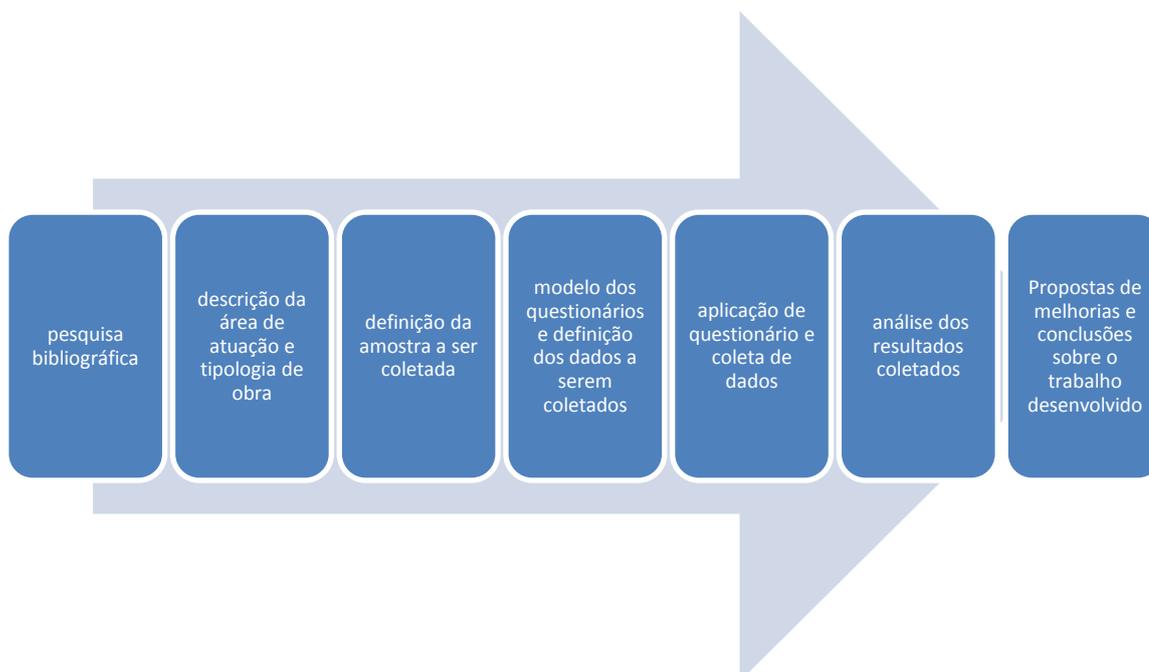
3.1 Classificação da Pesquisa

A pesquisa fundamentou-se em um estudo de caso, descritivo. Segundo Barros e Lehfeld (2007), esse método detêm-se a analisar, sem intromissão do autor, os dados coletados, o registro e a interpretação dos mesmos. Exemplos destas são as pesquisas mercadológicas e de opinião.

As técnicas utilizadas em um estudo de caso, são bem parecidas com as de uma pesquisa histórica. O que a diferencia, é que em um estudo de caso, pode-se ter a observação direta dos acontecimentos estudados. Como o caso de entrevistas a pessoas nela envolvidas. (Yin, 2015).

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizados os seguintes pontos: uma pesquisa bibliográfica, descrição da área de atuação e tipologia de obra, definição da amostra a ser coletada, modelo dos questionários e definição dos dados a serem coletados, aplicação de questionário e coleta de dados, análise dos resultados coletados e conclusões sobre o trabalho desenvolvido, conforme figura 1.

Figura 1 – Tipologia da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor.

Primeiramente fez-se a pesquisa bibliográfica, traçando o cenário atual e histórico nacional. O mesmo foi feito para o cenário da construção, no qual encontra-se o trabalhador pesquisado e, posteriormente, traçou-se o perfil desse trabalhador, para que possa se ter uma base de análise.

Num segundo momento, foi definida a área de atuação da pesquisa. Na qual essa pesquisa melhor poderia ser aproveitada. Decidiu-se então, trabalhar nas obras com maior porte na região. Nas quais possivelmente detêm-se empresas com maior possibilidade de investir e colaborar com a qualificação do profissional da área.

A amostra escolhida foi a do trabalhador operário. Mestres de Obras, Serventes, Pedreiros, Carpinteiros, Ferreiros, instaladores hidráulicos e elétricos. Aquele que tem maior rotatividade no mercado. Foi analisado o profissional que opera a função meio na construção civil, que braçalmente contribui com a mão de obra. A pesquisa dividiu-se em dois polos. O primeiro na cidade de Capão da Canoa com 80 entrevistados e o segundo, em Tramandaí, com 66 entrevistados.

Já a elaboração do questionário visou ser o mais breve possível, mas que pudesse traçar o perfil e ter uma noção mais exata de quem gostaria de se especializar ou melhorar suas funções dentro de um canteiro de obra. Essa brevidade teve o motivo da menor interrupção dos serviços do trabalhador. Podendo, assim, ser melhor aceita ou, não rejeitada pelas empresas ou pelos trabalhadores.

Através de um questionário, conforme entrevista em anexo (Anexo 01), foram coletados dados dos trabalhadores da construção civil e após analisado. A pesquisa aborda descritivamente e quantitativamente as características desses trabalhadores.

A abordagem feita em grande parte dos casos, foi a entrega e pedido de comprometimento aos mestres de obras, para que passassem aos seus funcionários, em melhor horário, o questionário. Em poucos casos, com a autorização do proprietário da obra, esse questionário, foi feito individualmente.

3.2 Planejamento da Pesquisa

A pesquisa feita em 2018 envolve trabalhadores do setor da construção civil, em obras residenciais, com no mínimo cinco pavimentos, tendo na região um máximo de 18 pavimentos. Obras essas localizadas nas cidades de Capão da Canoa e Tramandaí, conforme figura 2.

Figura 2 – Mapa do Litoral Norte do Rio Grande do Sul



Fonte: Estadão, Boraí – Passeando Pelo Litoral Norte Gaúcho, Março, 2017.

Utilizou-se, para análise de dados o *Guia de Procedimento de Indicadores para Benchmarking*. Elabora-se então a forma de quantificar os diferentes tipos de perguntas. Segundo Formoso et. al. (2004), uma forma de avaliar a satisfação dos operários em obra, é perguntando seu nível de satisfação, e disponibilizando a eles respostas padrão. Essas respostas posteriormente teriam valores aferidos, para que possa se fazer uma média ponderada e assim, ter uma média de satisfação. Ainda conforme Formoso et. al. (2004), elabora-se as perguntas quantitativas. Quando as médias forem em base de números de funcionários que compõem certo grupo, faz-se a média dividida pelo número total de funcionários.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados são apresentados neste capítulo através de gráficos e análise de seus resultados, mostrando percentuais analisados por resultados obtidos em pesquisa, resultados esses que foram coletados por meio de respostas dos próprios trabalhadores da construção civil, nas cidades de Tramandaí e Capão da Canoa. Teceram-se comentários sobre a disposição obtida, para um melhor entendimento.

4.1 Perfil do Trabalhador da Construção Civil.

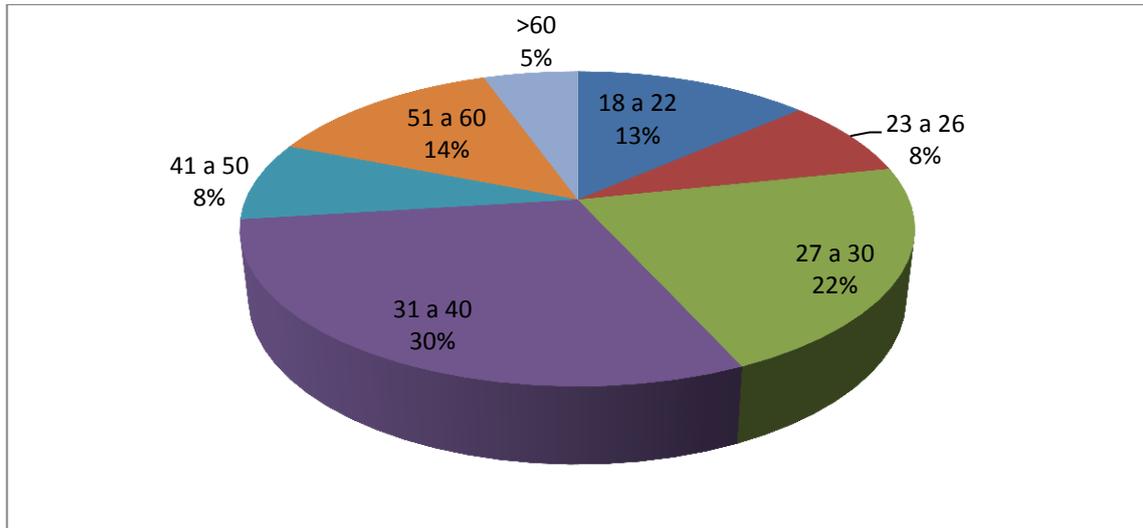
Nesse item, analisou-se o perfil do trabalhador da construção civil. Dados como idade, número de dependentes, renda per capita e estado civil, foram coletados. Através dos dados coletados, propôs-se gráficos e comentários para ilustrar melhor como se dispõe o perfil pessoal do operário.

4.1.1 Idade

Durante a pesquisa na cidade de Tramandaí, foi levantada a questão do baixo surgimento de trabalhadores jovens na Construção Civil. Mais de 50% dos trabalhadores da área têm entre 30 e 50 anos, fator preocupante, pois é um setor que precisa de mão de obra renovada. Ainda, a média de idade nesse setor é maior do que nos outros setores nacionais (MIOTTO et. al., 2015).

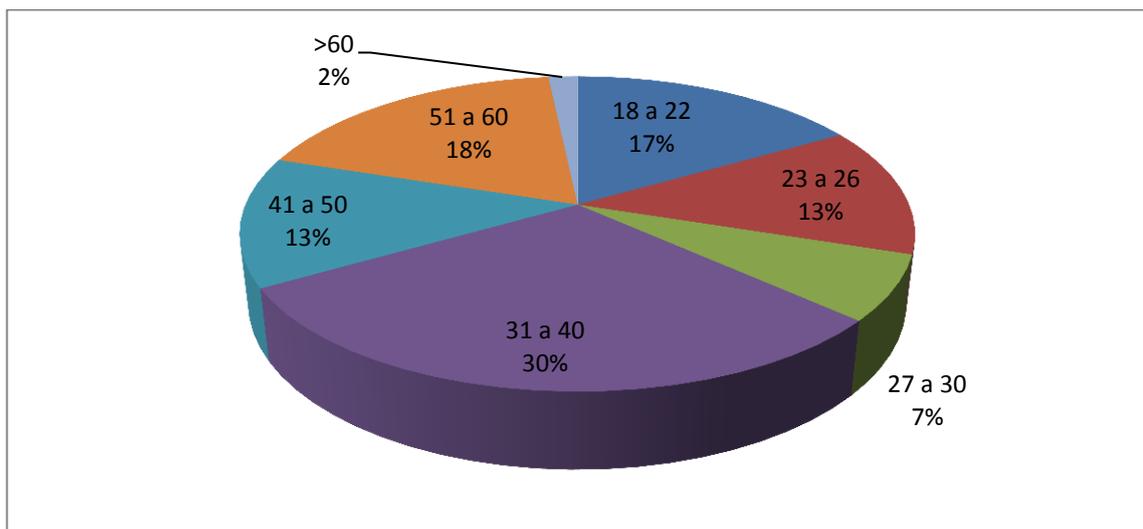
A pesquisa dividiu-se em dois polos. O primeiro na cidade de Capão da Canoa, em que 74 dos 80 entrevistados responderam a idade, conforme mostra o gráfico 3. Já em Tramandaí, dos 66 entrevistados, 60 responderam, como ilustra o gráfico 4.

Gráfico 3 – Idade do trabalhador da Construção Civil em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 4 – Idade do trabalhador da Construção Civil em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

Como pode-se ver, tanto em Tramandaí quanto em Capão da Canoa, os jovens trabalhadores na Construção Civil correspondem a uma parcela significativa dos entrevistados. Em Capão da Canoa, 21% dos trabalhadores têm até 26 anos. Já em Tramandaí, esses números sobem para 30% dos entrevistados.

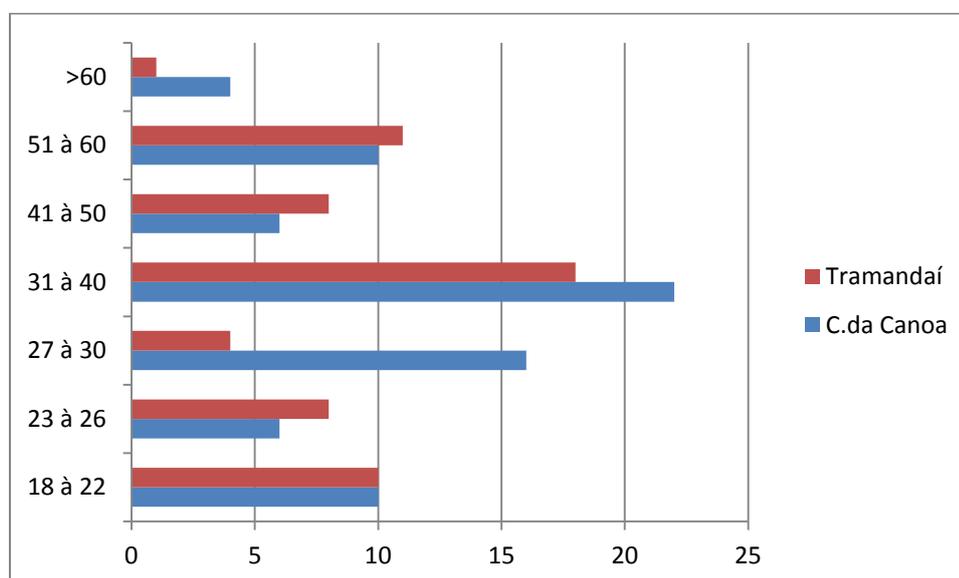
Em Capão da Canoa, as respostas foram: entre 18 e 22 anos, 13% dos entrevistados; entre 23 e 26 anos, 8%; de 27 a 30 anos, 22%; de 31 a 40 anos, 30%;

entre 41 e 50 anos, 8%; de 51 a 60 anos, 14%; e 5% responderam ter mais de 60 anos.

Já quando trata-se de Tramandaí, a pesquisa apontou que as idades se encontram: entre 18 e 22 anos, 17%; 23 e 26 anos, 13%; 27 e 30 anos, 7%; 31 e 40 anos, 30%; de 41 a 50 anos, 13%; 51 a 60 anos, 18%; e 2% responderam que são maiores de 60 anos.

Apesar da quantidade de entrevistados não ser condizente nas duas cidades, no gráfico 5 comparou-se as faixas de idade. Assim, pode-se ver a idade, e dizer que, em Capão da Canoa, 19% dos questionados apontaram ter mais de 51 anos, enquanto em Tramandaí, esse número sobe para 21%. Podendo, assim, dizer, que a população pesquisada em Tramandaí, é mais velha. Enquanto em Capão da Canoa, pode-se analisar que os trabalhadores responderam mais a faixa média de idade, entre 31 e 40 anos. Entre 27 e 50 anos, em Capão da Canoa, 60 % assinalaram; enquanto em Tramandaí, 50% responderam estar nessa faixa de idade.

Gráfico 5 – Comparativo de Idade nas Duas Cidades



Fonte: Elaborado pelo autor

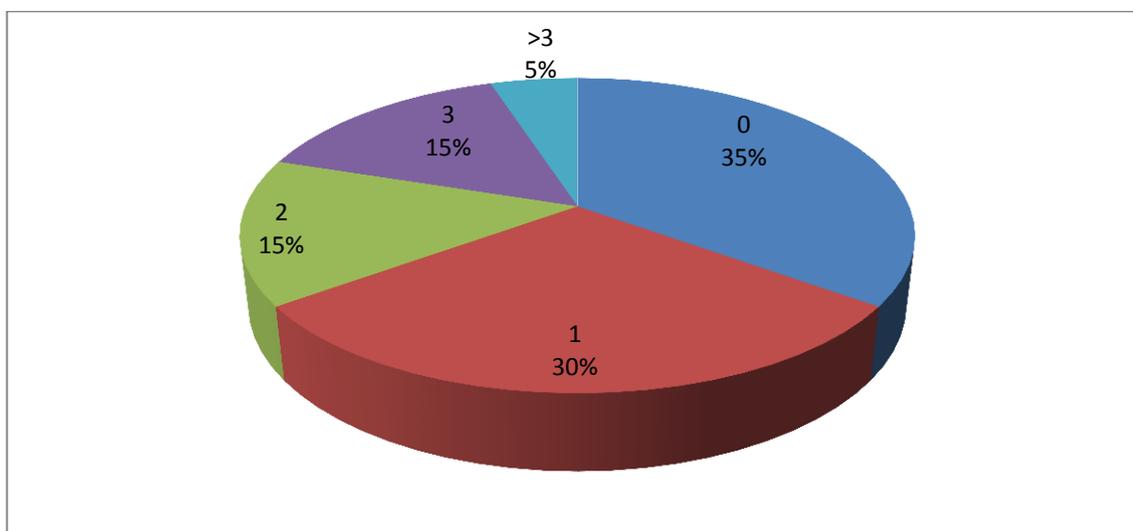
4.1.2 Número de Dependentes

O número de dependentes dos trabalhadores nessas duas cidades é comparado com a média nacional. Segundo Agência Brasil (2014), através de pesquisa do IBGE, a mulher brasileira tem em média 1,74 filhos. Em Tramandaí, a média é de 1,36 filhos ou dependentes por trabalhador. Já em Capão da Canoa esse número chega a 1,55 filhos por trabalhador da Construção Civil. Podendo-se, assim, constatar que o trabalhador em Capão da Canoa, possui mais filhos que em Tramandaí.

O Gráfico 6 mostra que em Capão da Canoa 35% do trabalhador indagado não tem nenhum filho; 30% tem apenas 1 filho; 15% tem dois filhos; 15 % tem 3 filhos e 5% assinalaram ter mais de 3 filhos.

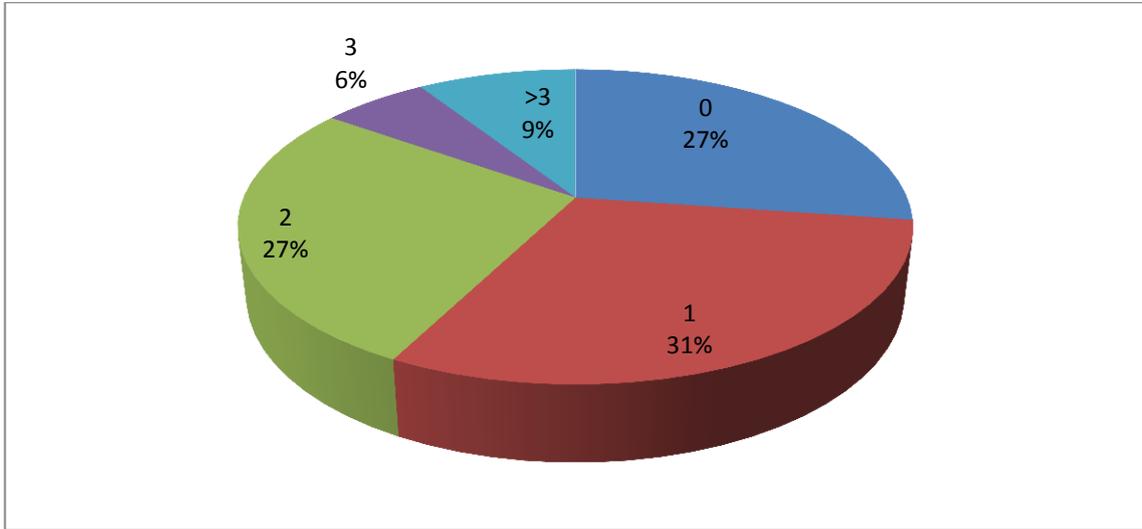
Já no Gráfico 7, pode-se notar, que em Tramandaí, 27% dos trabalhadores responderam não ter filhos; 30% disseram ter 1 filho; 15% responderam que tem 2 filhos; também 15% responderam ter 3 filhos; e apenas 5% disseram ter mais de 3 filhos.

Gráfico 6 – Número de Filhos Por Trabalhador em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

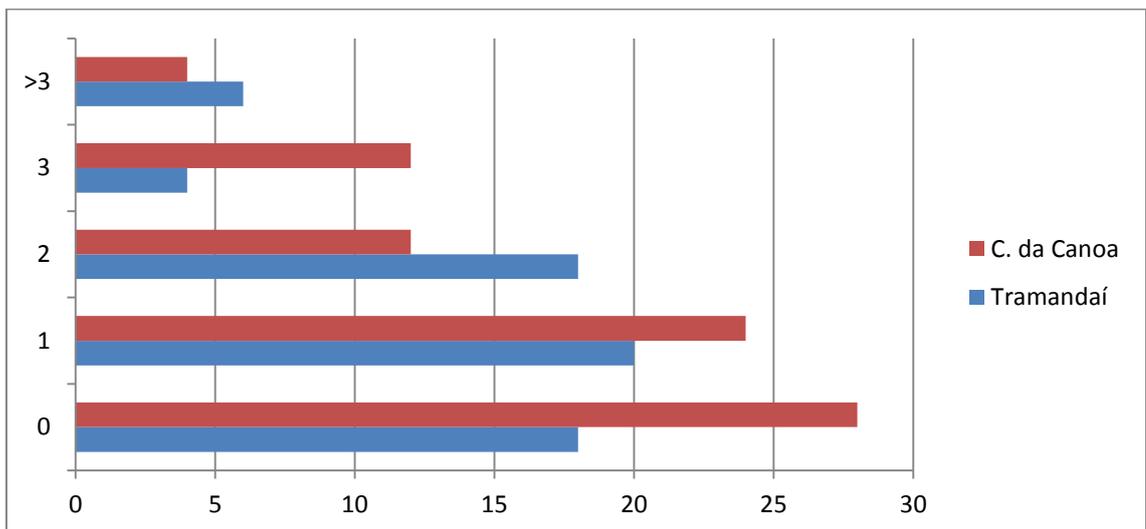
Gráfico 7 – Número de Filhos Por Trabalhador em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando se compara a idade das duas cidades, pode-se ver que a distribuição de quem tem filhos em Tramandaí dá-se, maior na parte inferior do gráfico, enquanto em Capão da Canoa esses números não caem tanto na parte do gráfico, de quem tem 3 filhos.

Gráfico 8 – Comparativo, número de filhos, Tramandaí e Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

4.1.3 Renda Per Capita das Famílias

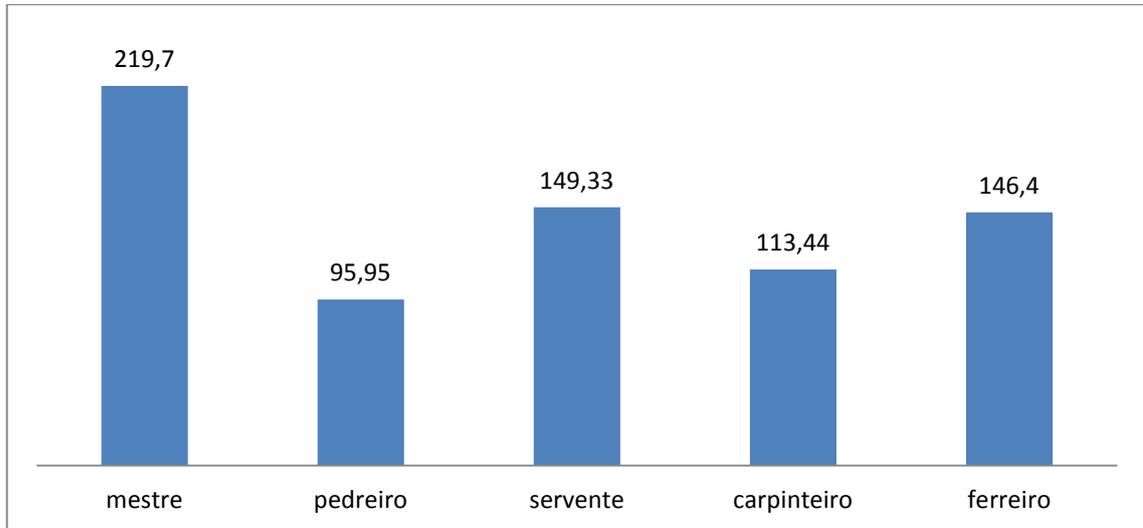
Para poder analisar a renda per capita dos trabalhadores da construção, primeiro tem-se que analisar o valor que cada cargo recebe. Segundo o SINDUSCON-RS (2018), os valores recebidos em média, por semana, pelos cargos são:

Além disso, desconsidera-se o valor recebido pela esposa e também a presença desta no cálculo. Segundo Peret (2018), em notícia da Agência Brasil, a mulher brasileira ganha em média 76,5% do que ganha um homem. Esse dado nos diz que a renda per capita do trabalhador casado, em média, não dobrará. Nesse estudo, não foi analisado a questão homem e mulher.

Vendo ponto à ponto, em Capão da Canoa. O mestre de obras recebe R\$ 219,70 em média por semana, por pessoa da família; o pedreiro R\$ 95,95, o Servente R\$149,33; o carpinteiro R\$113,44; e o ferreiro R\$146,40. Como pode-se analisar o gráfico 9.

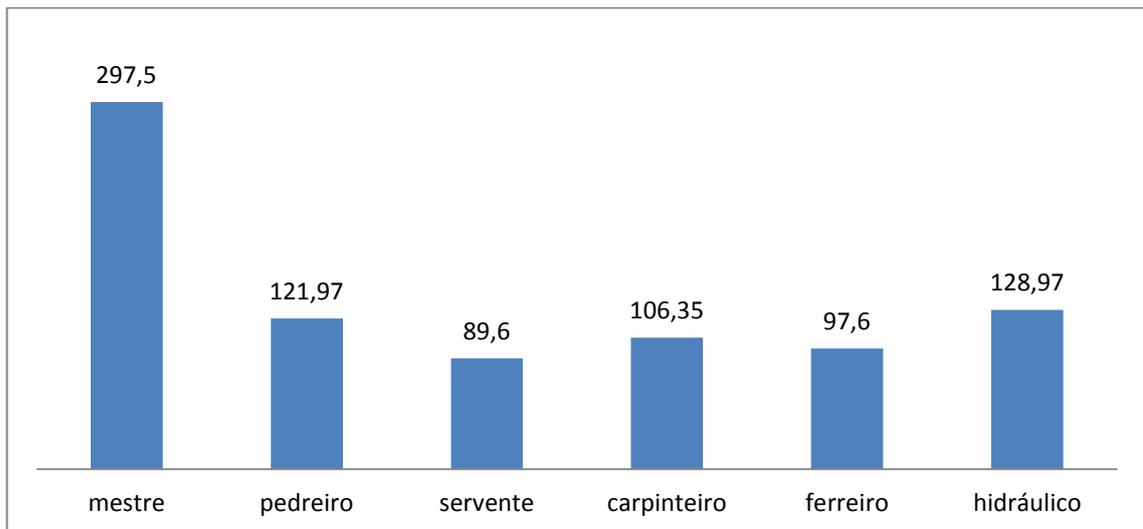
Em Tramandaí, o mestre de obras, recebe por pessoa na família R\$297,50; o pedreiro R\$121,97; o servente R\$89,60; o carpinteiro R\$106,35; o ferreiro R\$97,60; e o hidráulico R\$128,97. Como se pode analisar o gráfico 10.

Gráfico 9 – Renda Per Capita do Trabalhador em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 10 – Renda Per Capita do Trabalhador em Tramandaí

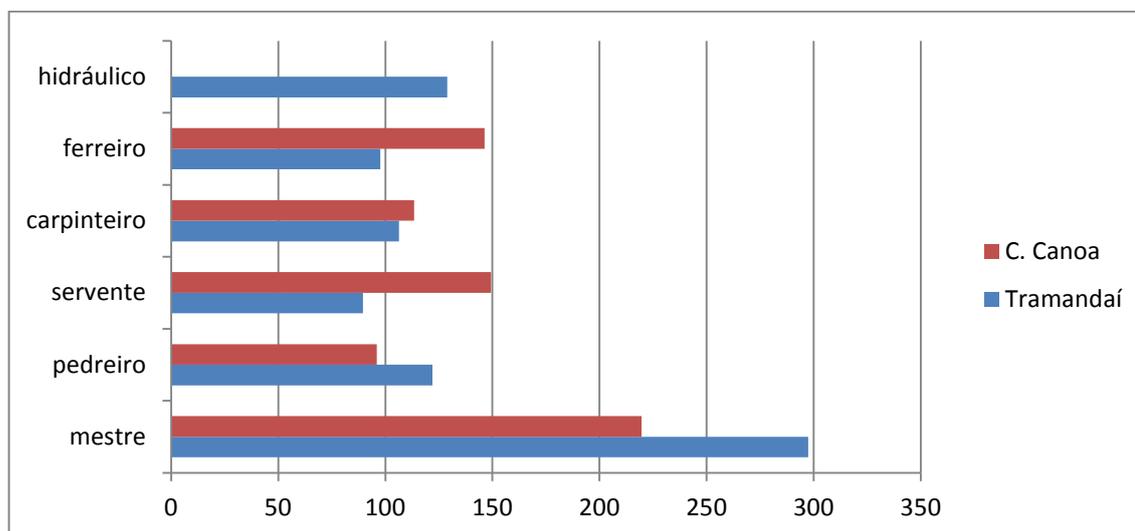


Fonte: Elaborado pelo autor

Como se pode-se analisar nos gráficos 9 e 10, salários menores podem prover uma renda per capita maior que os demais cargos. Como é o caso dos serventes em Capão da Canoa. Segundo Mendez (2013), o cargo de servente é a porta de entrada para a Construção Civil, fazendo com que esse trabalhador seja mais jovem, e, por consequência, tenha menos filhos.

Quando comparadas as duas cidades, como se pode ver no Gráfico 11, com exceção dos cargos de mestre de obras e pedreiro. Capão da Canoa supera Tramandaí em renda per capita todos os outros cargos.

Gráfico 11 – Renda Per Capita do Trabalhador nas Duas Cidades

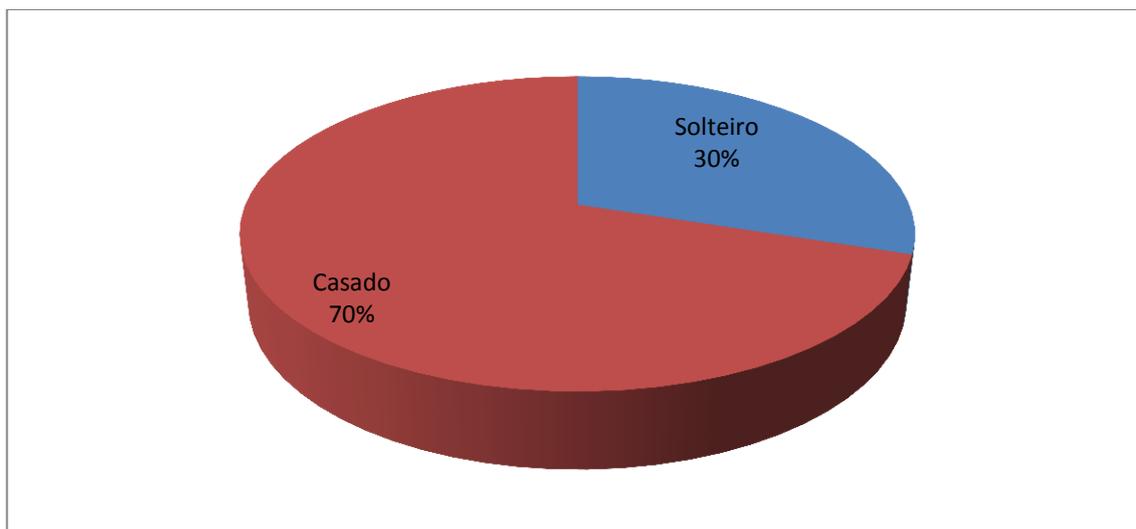


Fonte: Elaborado pelo autor

4.1.4 Estado Civil

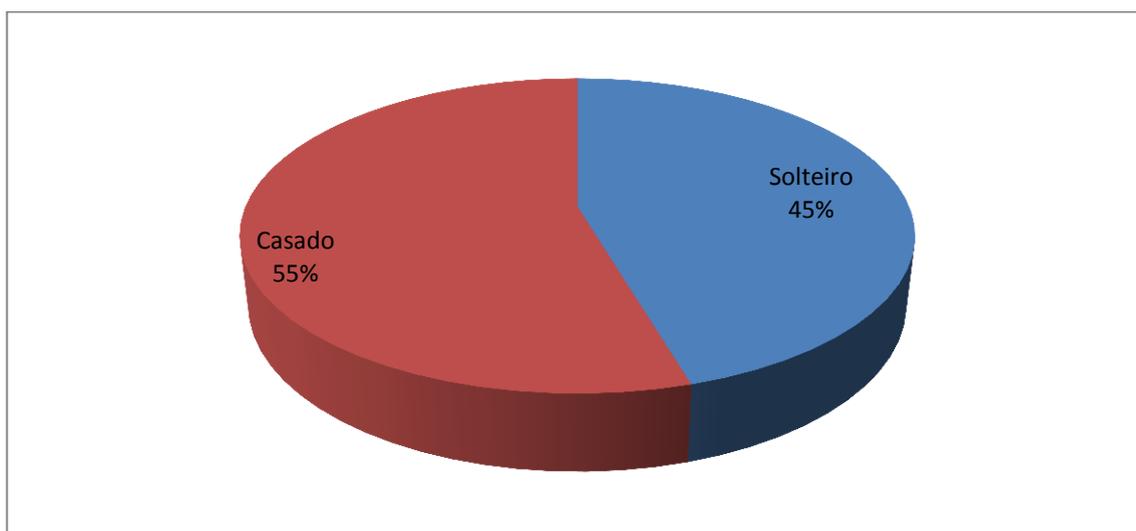
Outro dado apontado na pesquisa é o estado civil dos trabalhadores das duas cidades. Perguntou-se se o trabalhador era casado, solteiro ou viúvo. Através do Gráfico 12 e do Gráfico 13, pode-se analisar que, em Capão da Canoa, 70% dos trabalhadores responderam serem casados, 30% responderam serem solteiros e ninguém assinalou ser viúvo. Em Tramandaí, os dados apontados são de, 55% casado e 45% solteiro. Assim como em Capão da Canoa, ninguém disse ser viúvo.

Gráfico 12 – Estado Civil do Trabalhador em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 13 – Estado Civil do Trabalhador em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

Como pode-se constatar, segundo a pesquisa nessas duas cidades, a maioria dos trabalhadores na área da construção é casado ou mora com suas parceiras. Fazendo o comparativo entre as duas cidades, nota-se que o número de casados em Capão da Canoa é bem maior do que em Tramandaí.

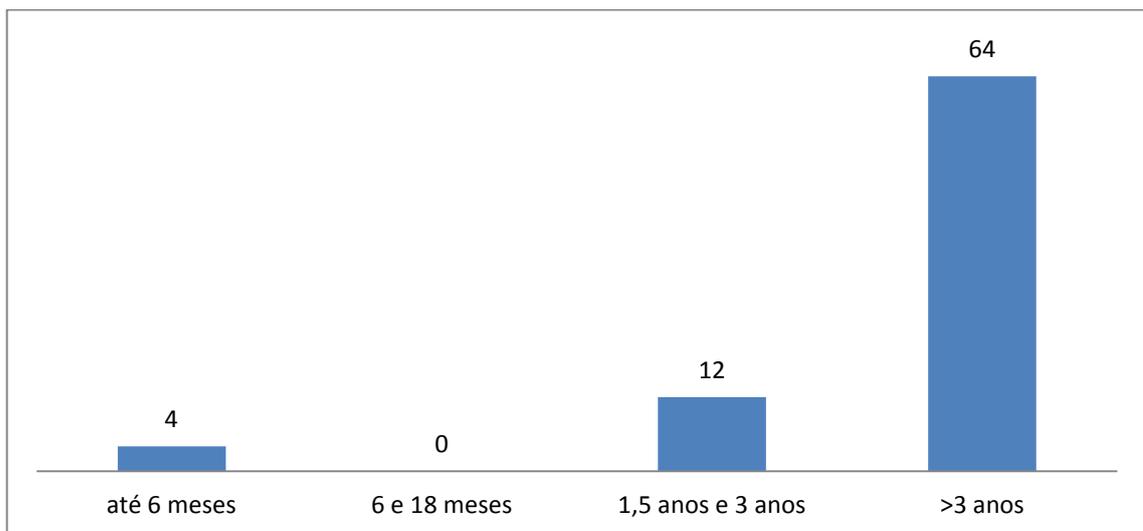
4.1 Histórico Profissional e Satisfação Com a Construção Civil

4.2.1 Há Quanto Tempo Trabalha na Construção Civil

Cordeiro (2002) diz que a rotatividade dentro da Construção Civil é alta. Isso se deve à insalubridade, baixa perspectiva de aumento salarial e esforço físico desempenhado nas funções. Ainda fala que os cargos de ajudantes ou serventes são os cargos com o maior percentual de evasão da profissão.

O Gráfico 14 e o Gráfico 15 representam o período em que os operários atuam na Construção Civil. Em Capão da Canoa, 64 dos 80 entrevistados assinalaram trabalhar a mais de três anos na área, o que dá um percentual de 80%. Desses 16 entrevistados (20%), que disseram trabalhar a menos de três anos, 12 são ajudantes ou serventes. O restante são 3 pedreiros e 1 carpinteiro.

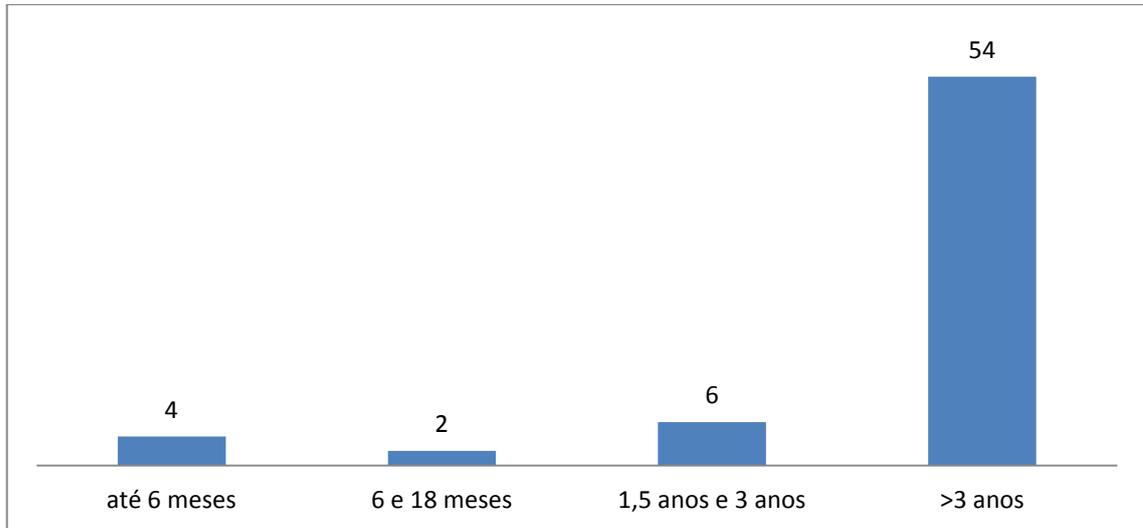
Gráfico 14 – Período de Trabalho na Construção em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

Já em Tramandaí, 12 dos 66 entrevistados disseram trabalhar a menos de três anos na Construção Civil (18%), sendo estes 2 carpinteiros, 1 operador de guincho, 4 pedreiros e 5 serventes.

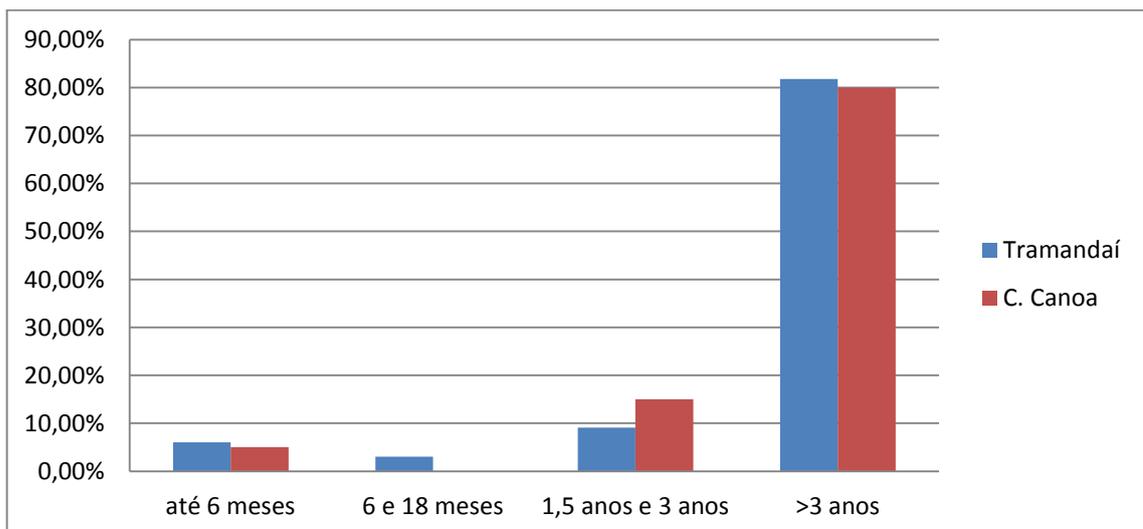
Gráfico 15 – Período em que Trabalha na Construção em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

O Gráfico 16 fez-se um comparativo percentual entre as faixas de períodos em que se trabalha na construção civil. Juntando esses gráficos, pode-se dizer que os trabalhadores com mais de 1 ano e meio, são mais incidentes na cidade de Capão da Canoa. Dizendo assim, que o trabalhador em Capão da Canoa tem em media mais tempo trabalhado dentro da construção civil, do que os de Tramandaí.

Gráfico 16 – Comparativo de Período de Trabalho nas Duas Cidades



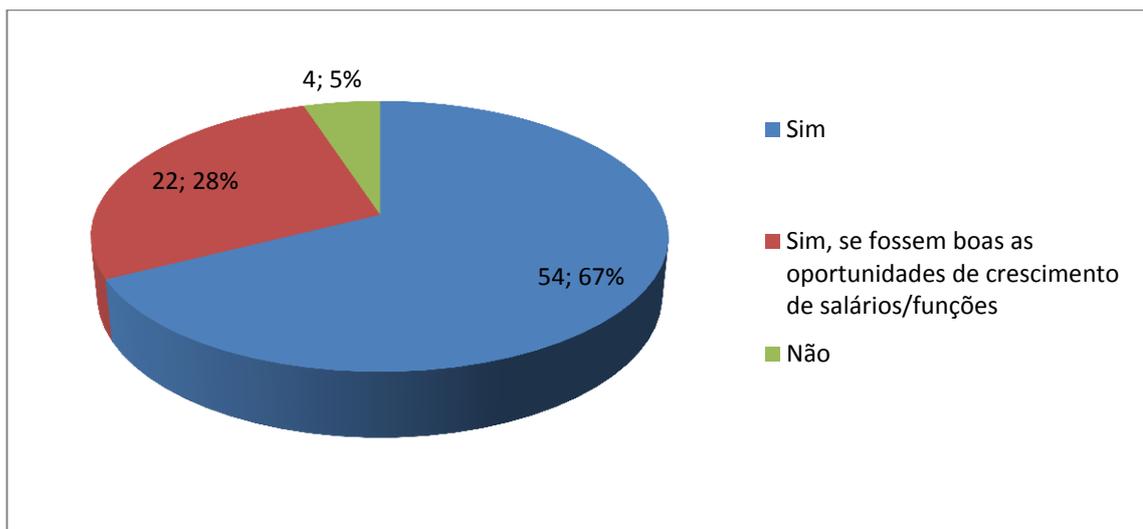
Fonte: Elaborado pelo autor

4.2.2 Gostaria de seguir carreira na Construção Civil.

Outra pergunta pertinente a se fazer ao trabalhador é se ele gostaria de seguir exercendo suas funções na Construção Civil. Esse dado pode dizer melhor sobre o grau de evasão que o item anterior.

Em Capão da Canoa, como mostra o Gráfico 17, 67% dos trabalhadores afirmaram querer continuar trabalhando na área, mesmo que não houvesse crescimento salarial ou promoção de cargo. Dos que assinalaram querer continuar trabalhando na construção, desde que houvesse aumento salarial, os números chegam a 28%. Já 5% dos trabalhadores afirmaram não querer continuar, mesmo com o crescimento salarial.

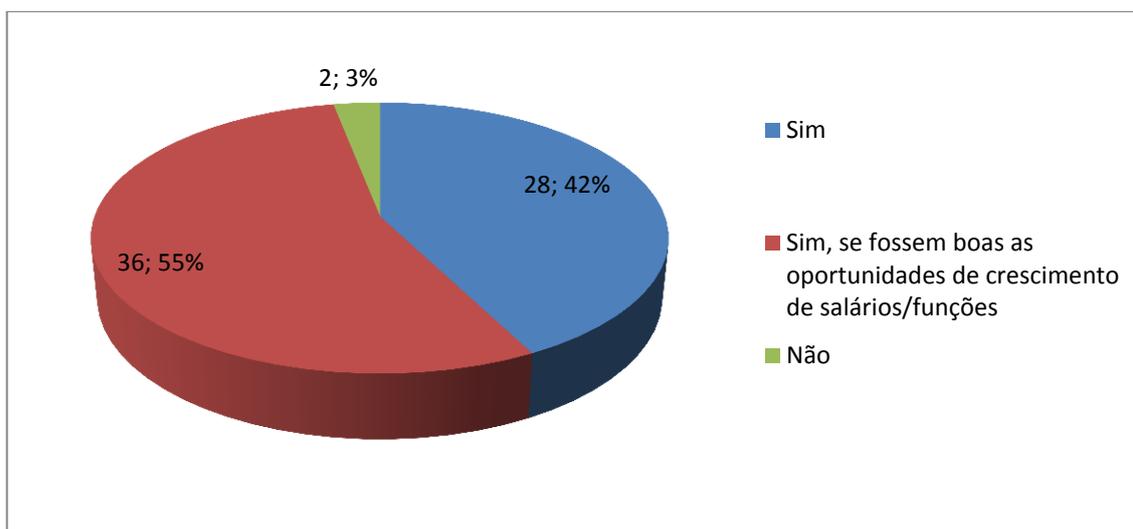
Gráfico 17 – Sequência da Carreira Construção Civil em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

Em Tramandaí, como mostra o Gráfico 18, dos que disseram querer continuar trabalhando, mesmo sem aumento salarial, esse número é de 42%. Os que disseram querer continuar, com o condicionamento do aumento salarial, os números são de 55%. Já os que disseram não querer continuar trabalhando na construção, são apenas 3%.

Gráfico 18 – Sequência da Carreira Construção Civil em Tramandaí



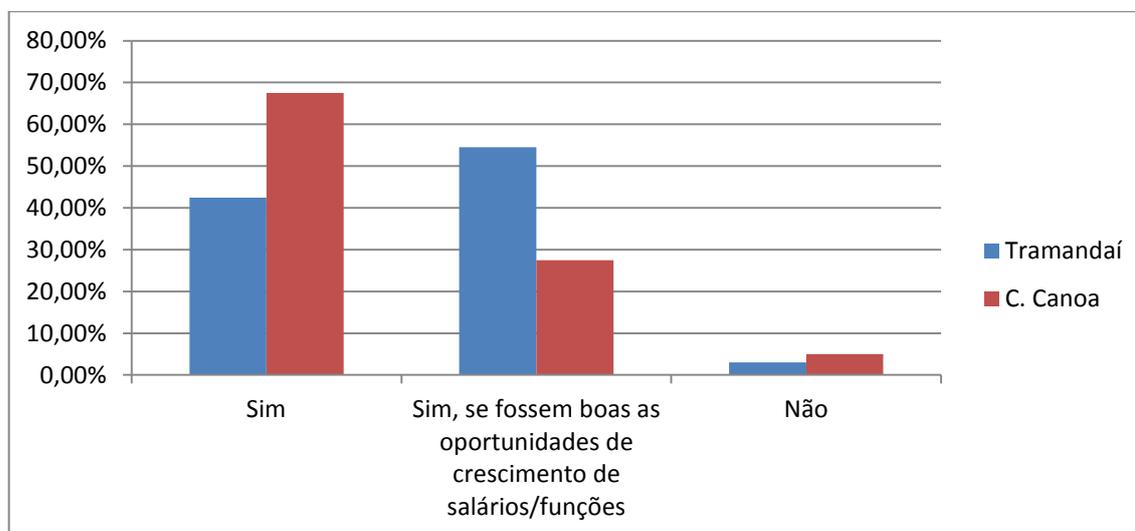
Fonte: Elaborado pelo autor

Nas duas cidades, dos que disseram que não gostariam de seguir na Construção Civil, todos eram serventes ou ajudantes.

Ainda dentro dessa análise, comparou-se as duas cidades. Com isso, pode-se ter uma ideia melhor do grau de satisfação com o cargo e o salário, nas cidades de Capão da Canoa e Tramandaí.

Como mostra o Gráfico 19, o percentual de quem não gostaria de seguir carreira em Tramandaí é menor do que em Capão da Canoa. Porém, ele ainda mostra que, o número de insatisfeitos com o salário na cidade de Tramandaí é maior do que em Capão da Canoa. O que, numa estimativa rápida fala que, apesar da satisfação em Capão da Canoa ser menor com suas funções, o profissional em Capão da Canoa é mais satisfeito com o salário que recebe.

Gráfico 19 – Comparativo Seguimento de Carreira nas Duas Cidades



Fonte: Elaborado pelo autor

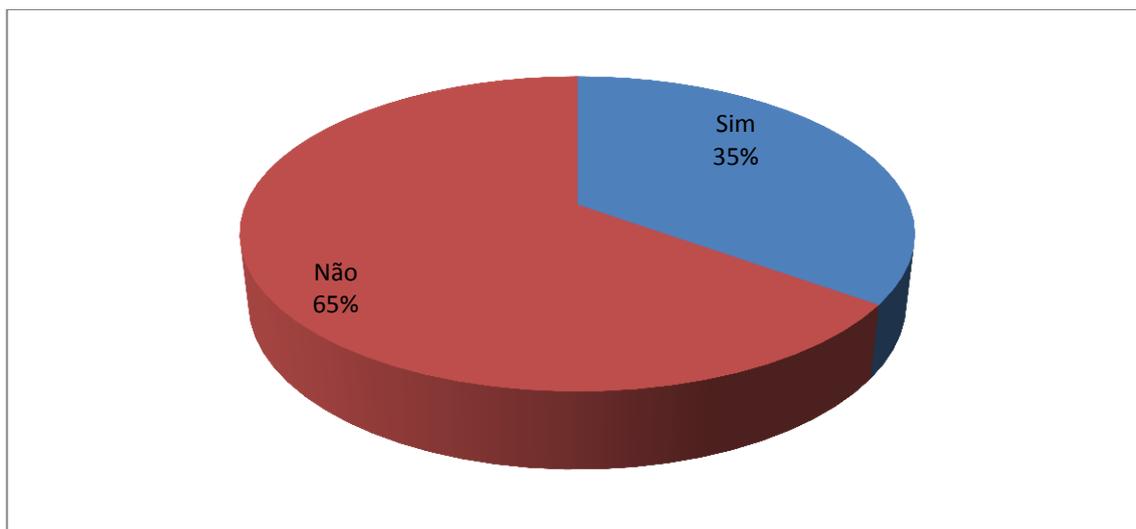
4.2.2 Já Fez Algum Curso Relacionado à Construção Civil

Nas duas cidades, foram perguntados se já tinham feito algum curso relacionado à Construção Civil. Não foi especificado qual curso, desde que relacionado à Construção Civil.

Em Capão da Canoa, como mostra o Gráfico 20, os que disseram nunca ter feito nenhum curso relacionado à construção civil, é de 65%. Já o Gráfico 21 diz que, em Tramandaí, 67% dos trabalhadores disseram nunca ter feito nenhum curso relacionado à construção. Isso mostra que a variação da capacitação, de uma cidade para outra, é bem pequena.

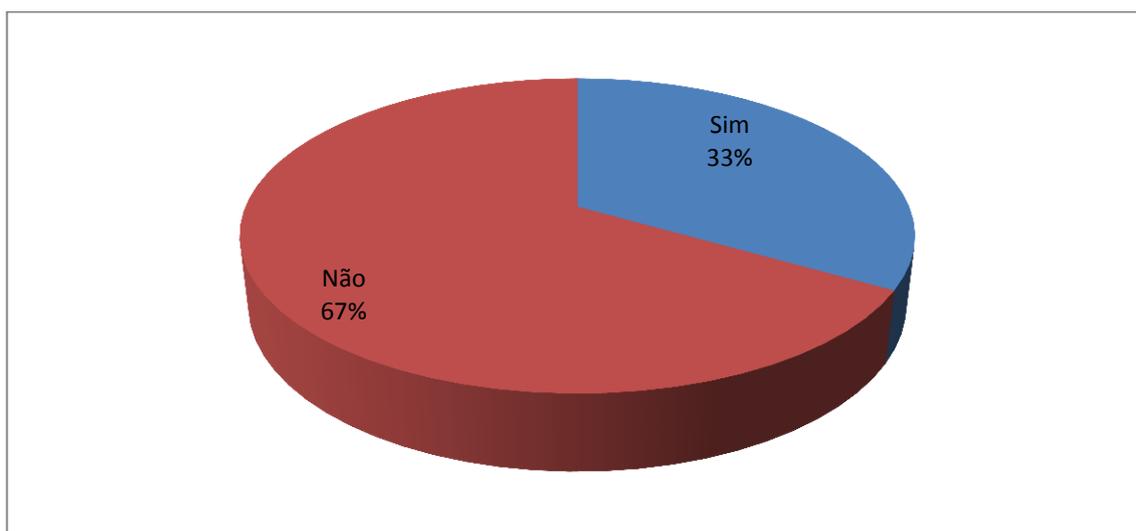
Essa análise ainda agrava-se pois, nas duas cidades, alguns dos cursos relatados em pesquisa foram de treinamento de segurança do trabalho, não relacionado a melhorias na execução de serviços. Isso mostra que a maioria dos trabalhadores aprende a profissão em obra ou com ensinamentos de parentes.

Gráfico 20 – Qualificação Profissional em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 21 – Qualificação Profissional em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

4.2.3 Gostaria de Fazer Algum Curso Relacionado à Construção.

Nesse ponto, foi-lhes perguntado se gostariam de fazer algum curso que os ajudasse a melhorar suas funções ou até mesmo que lhes ensinassem novas.

Em Tramandaí, a maioria dos operários da construção mostrou interesse em melhorar suas atribuições, como mostra o Gráfico 23. Dos trabalhadores entrevistados, 52% afirmaram que pagariam do próprio bolso se esses cursos

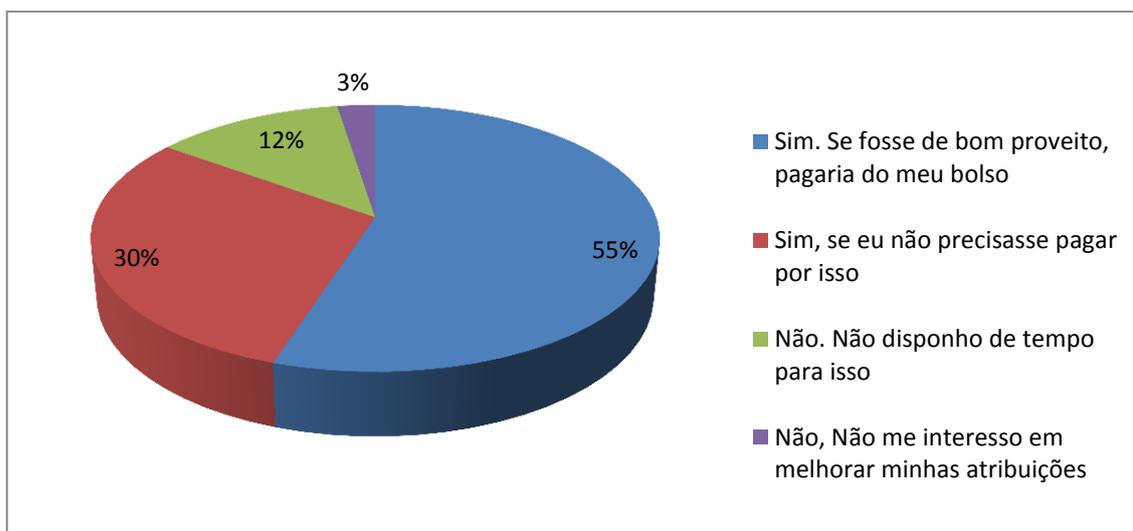
fossem de bom proveito profissional, enquanto 42% disseram que fariam, mas se não precisassem pagar por eles. Os que disseram não dispor de tempo para se qualificar foi 1% e, os que disseram não ter interesse em se qualificar foram de 5%.

Quando relacionados os quatro (6%) que não gostariam de fazer nenhum curso, em Tramandaí, quando perguntados se gostariam de seguir carreira na Construção Civil, três responderam que não gostariam de seguir carreira, enquanto um disse não ter pretensão de aumento salarial.

Em Capão da Canoa, condizente com o Gráfico 22, o número de interessados que pagariam do próprio bolso para fazer algum treinamento que melhorasse suas atribuições subiu para 55% e os que disseram não querer pagar foram 30%. Dos que não querem se qualificar, 12% disseram não dispor de tempo e 3% assinalaram simplesmente não querer melhorar suas funções.

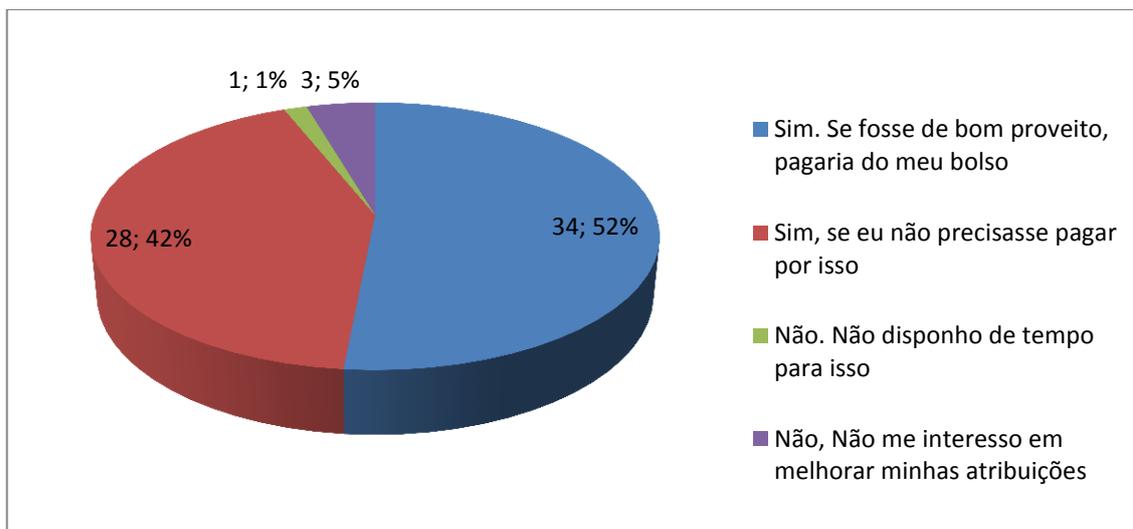
Ainda, em Capão da Canoa, quando relaciona-se os doze que não gostariam de fazer nenhum curso (15%), e os pergunta se gostariam de seguir carreira na construção civil, 10 (83,3%) desses responderam que apenas querem seguir carreira, sem pretensão de aumento salarial e dois responderam que não gostariam de seguir carreira.

Gráfico 22 – Interesse em se Qualificar em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

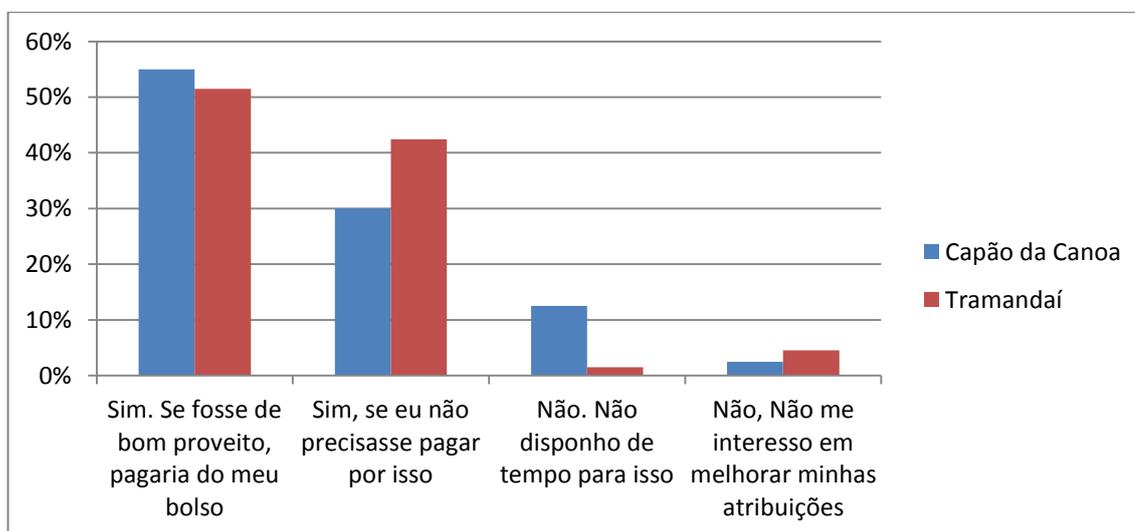
Gráfico 23 – Interesse em se Qualificar em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda, fez-se um comparativo entre as duas cidades, como mostrado no Gráfico 24. Ele mostra que, em Tramandaí, aproximadamente 94% do trabalhador deseja qualificar-se, enquanto que, em Capão da Canoa, esse número é de 85%.

Gráfico 24 – Comparativo do Interesse em se Qualificar Nas Duas Cidades



Fonte: Elaborado pelo autor

4.2.4 Grau de Satisfação em Trabalhar na Construção Civil.

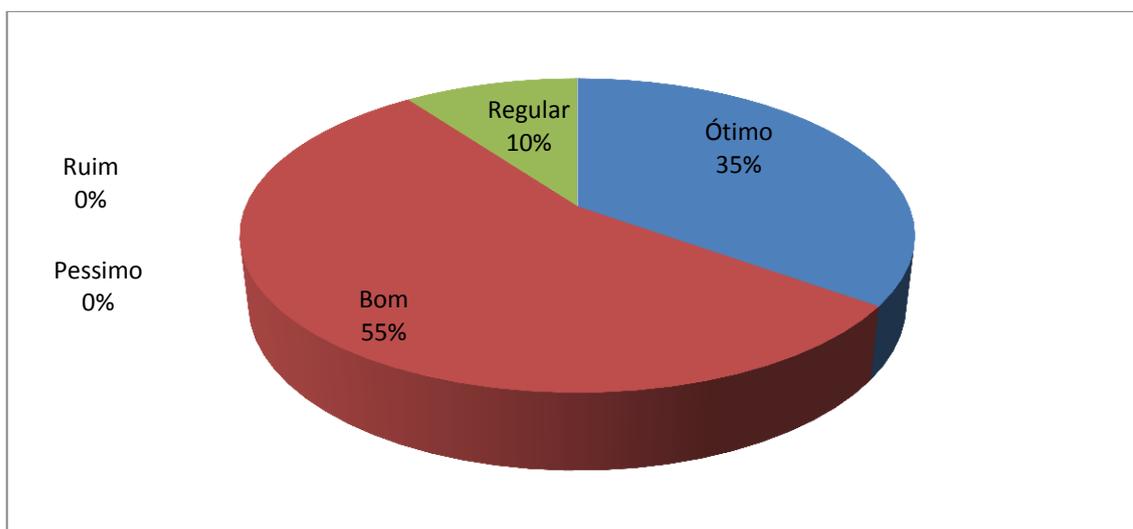
A satisfação do trabalhador no litoral norte do Rio Grande do Sul mostrou-se muito positiva. O Gráfico 25 mostra que, em Capão da Canoa, 35% do trabalhador

questionado disse que, sua satisfação em trabalhar na construção civil era ótima. Outros 55% disseram ser boa, 10% falaram ser regular, enquanto nenhum disse ser péssima ou ruim.

Já o Gráfico 26 traz que, em Tramandaí 25% diz que sua passagem pela construção civil é ótima, 59% diz ser boa e 16% diz que ela é regular. Assim como em Capão da Canoa, Tramandaí não teve ninguém que respondeu ser péssima ou ruim seu período de trabalho na área.

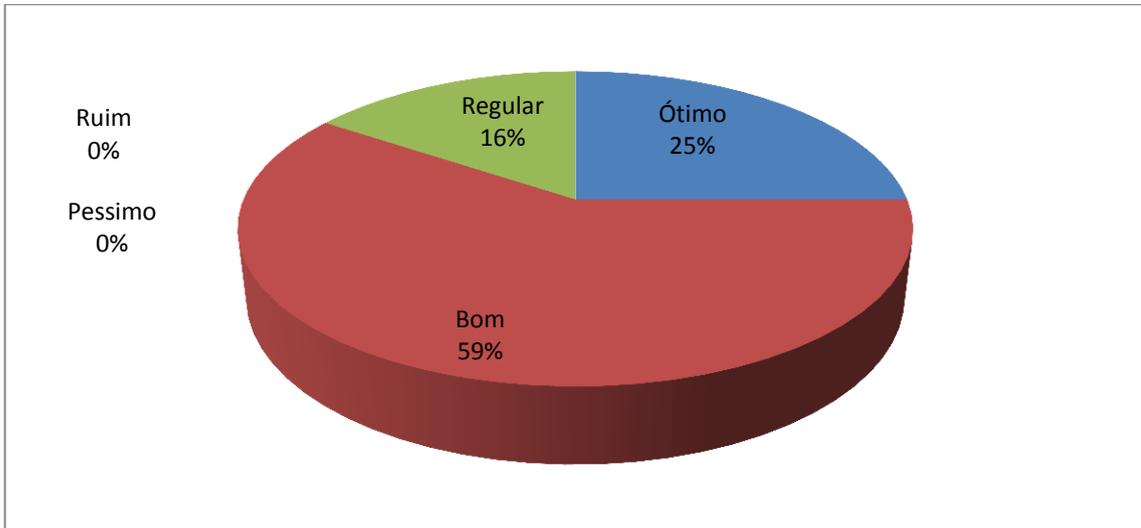
Quando compara-se as duas cidades, como nos traz o Gráfico 27, pode-se analisar que 90% do trabalhador de Capão da Canoa disse que sua experiência na construção civil é ótima ou boa, contra 84% que disseram o mesmo em Tramandaí. Além disso, Capão da Canoa ainda dispôs de um percentual maior quando falou-se somente ótimo na resposta, são 35% em Capão da Canoa contra 25% em Tramandaí.

Gráfico 25 – Satisfação do Trabalhador em Capão da Canoa



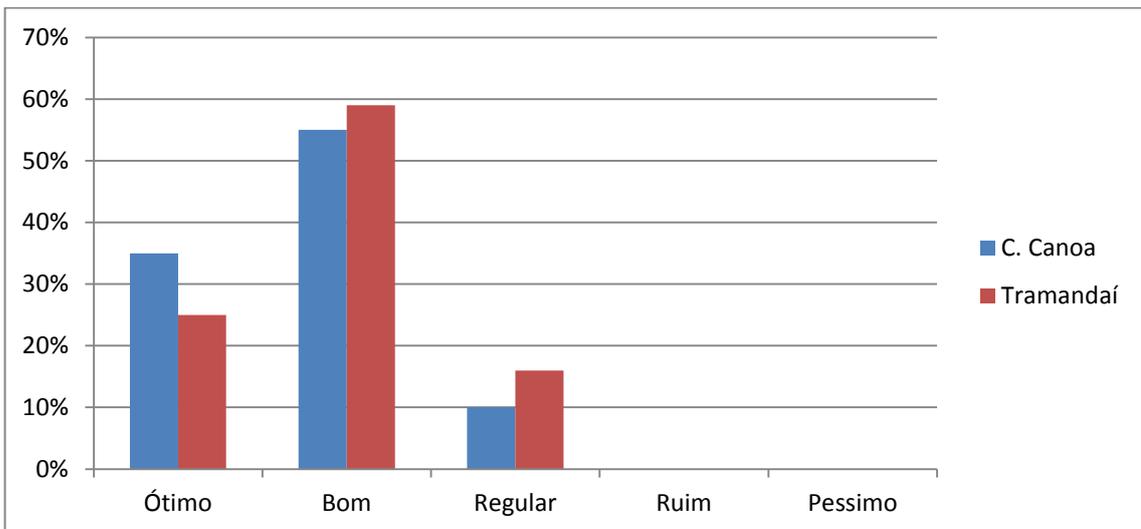
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 26 – Satisfação do Trabalhador em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 27 – Comparativo da Satisfação nas Duas Cidades



Fonte: Elaborado pelo autor

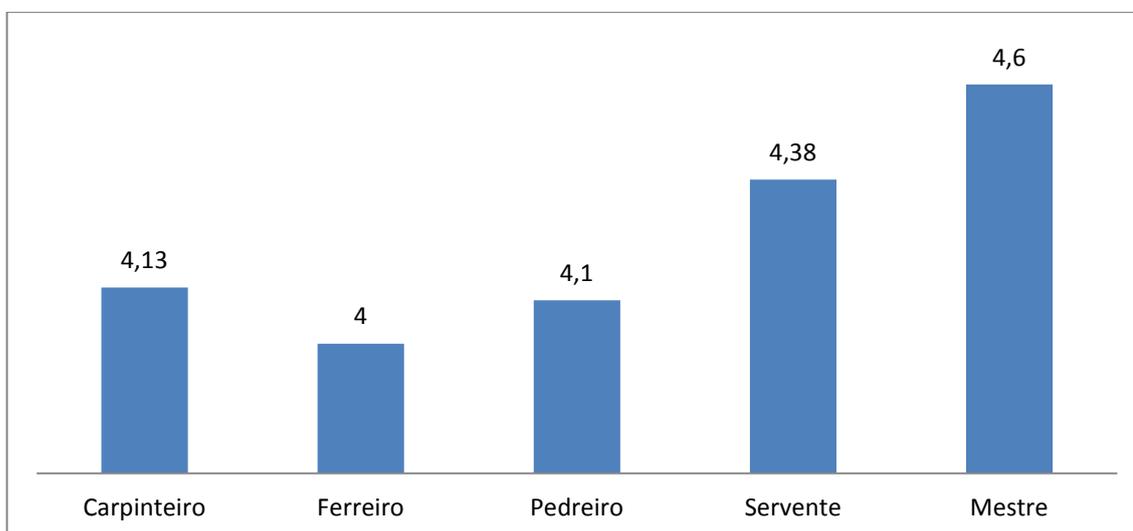
4.2.5 Grau de Satisfação em Trabalhar na Construção Civil, analisado por função.

Também foram analisados os dados por função exercida no canteiro de obra. Esse grau de satisfação foi analisado através de uma média. Foram atribuídos valores para cada resposta dada, sendo ótimo 5, bom 4, regular 3, ruim 2 e péssimo 1.

Em Capão da Canoa, como pode-se ver no Gráfico 28, o profissional que apresentou a maior satisfação dentre as outras foi a de mestre de obras, com um grau que vai de 1 a 5, alcançou o índice de 4,6. Esse foi seguido por servente 4,38, carpinteiro com 4,15, pedreiro com 4,1 e por último ferreiro com grau 4 de satisfação.

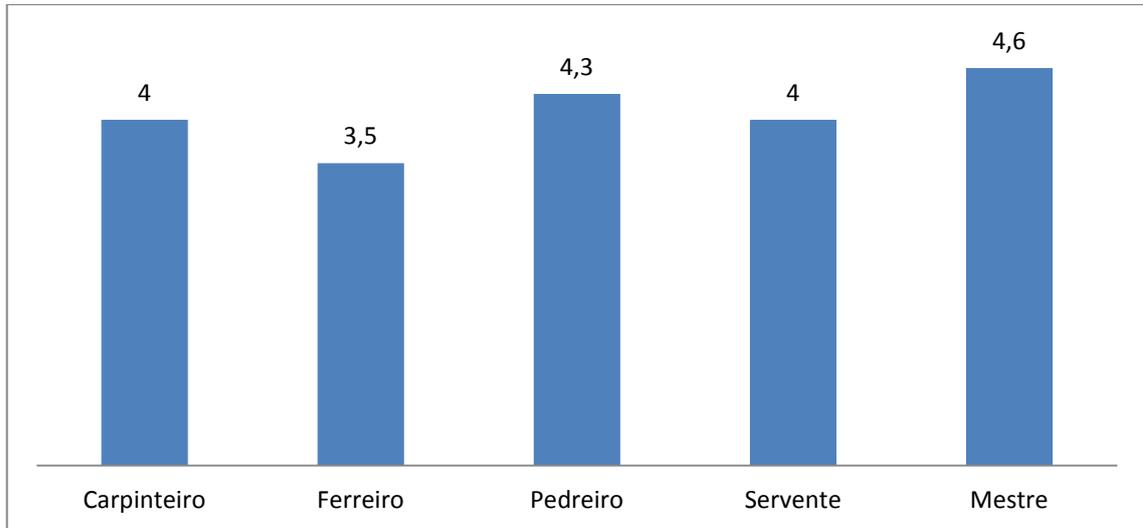
Já o Gráfico 29 mostra que em Tramandaí o trabalhador com maior satisfação médio, continua sendo o mestre de obras, também com 4,6. Na sequência vem pedreiros com 4,3, serventes e carpinteiros com grau 4 e por último os ferreiros, com grau 3,5 de satisfação.

Gráfico 28 – Grau de Satisfação Por Função em Capão da Canoa



Fonte: Elaborado pelo autor

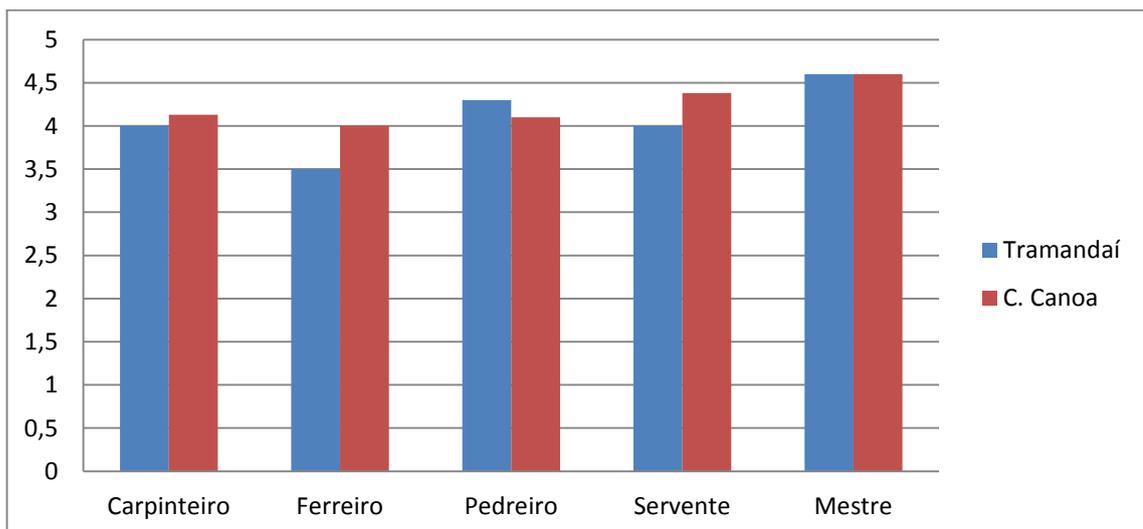
Gráfico 29 – Grau de Satisfação Por Função em Tramandaí



Fonte: Elaborado pelo autor

Fazendo um comparativo de satisfação entre as duas cidades, generaliza-se dizer que a satisfação do trabalhador na cidade de Capão da Canoa, é maior do que em Tramandaí. Ocorrendo uma igualização de satisfação nos mestres de obra e, uma menor satisfação dos pedreiros de Capão da Canoa.

Gráfico 30 – Comparativo Grau de Satisfação das Duas Cidades



Fonte: Elaborado pelo autor

4.2.6 Proposta de Qualificação Para a Região

Conforme analisado, a região dispõe de grande quantidade de profissionais interessados em qualificar-se. Nas duas cidades, esses números passam de 85% dos entrevistados. Mesmo que em muitos os casos eles não se dispusessem em pagar por essa qualificação. Como já dito anteriormente, é de suma importância e de interesse das empresas, de que esses profissionais qualifiquem-se. Tanto para agregar valor ao produto final, como para economia de tempo nas atividades exercidas pelos trabalhadores. Por outro lado, sabe-se que a fidelização desse profissional é imprescindível, já que por sua vez, a empresa não quer investir em um profissional que evada da mesma.

Propõe-se então que as empresas organizem-se, para mostrar interesse para órgãos como o SEBRAE, SINDUSCON, entre outros, abram cursos profissionalizantes e, ou de melhorias da capacitação técnica desses trabalhadores. Essa iniciativa pode ser proveniente também do Governo Federal. Uma vez que já investe no crescimento do setor, por quê não investir também para que a mão de obra do setor se especialize? Sendo essa iniciativa exclusiva da federação, ou até mesmo em conjuntura de financiamento com as empresas da região.

Uma proposta mais cara, mas que não foge das ideias das empresas da região. É contratação de especialização individual para seus trabalhadores. Assim, chamando profissionais que possam, em seus canteiros de obra aplicar cursos mais dinâmicos, ou até mesmo, organizando dias em que se levariam os trabalhadores até um centro no qual nele se aplicassem instruções qualificatórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos questionários aplicados nas cidades de Tramandaí e Capão da Canoa, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, foram verificados parâmetros diferentes. Traçou-se o perfil desse profissional, o período em que trabalha na área, a vontade que tem de continuar ou não atuando, o interesse em qualificar-se por meio de cursos preparatórios, mediu-se o grau de satisfação desse empregado, no período em que trabalha na construção civil e, propôs-se medidas para que as empresas possam ajudar na qualificação desses profissionais.

O perfil do operário da construção civil ficou bem claro ao decorrer das análises. Tanto em Tramandaí, como em Capão da Canoa, a grande maioria dos entrevistados, disse ter entre 30 e 40 anos. Em Tramandaí, a maior parcela se estabeleceu entre 30 e 50 anos. Enquanto em Capão da Canoa, se mostrou um pouco mais jovem. Lá, a grande maioria se estabeleceu entre 27 e 40 anos.

O número de filhos ou dependentes desses trabalhadores também é um fator quase que comum. Nas duas cidades, a maioria dos entrevistados disse ter um filho. Em Capão da Canoa, 30% disseram ter um filho e, em Tramandaí 31% assinaram. A segunda resposta mais habitual, foi a de quem disse ter dois filhos. Em Capão da Canoa 15% disse ter dois filhos, Tramandaí, disse 27% ter dois filhos.

A renda per capita desses trabalhadores foi estimada a partir de dados do SINDUSCON-RS, em que verificou-se o número de filhos e dependentes, e o gestor desse dinheiro, fazendo uma média simples, com o valor que o mesmo recebia. Chegou-se nas seguintes análises: a maior renda per capita, ficou com os mestres de obras, nas duas cidades. Esses tiveram números como, R\$ 219,70 em Capão da Canoa e R\$ 297,50 em Tramandaí. Os que menos recebiam per capita em Tramandaí, foram os pedreiros, recebendo R\$95,95. Em Capão da Canoa, quem menos recebeu foram os serventes R\$ 89,60.

Quanto ao estado civil do trabalhador, foi dito em grande maioria ser casado. Em Tramandaí, 55% do trabalhador assinalou ser casado. Já em Capão da Canoa, a notável maioria também é de casados. Lá os números chegam a 70% de casados.

Quando perguntados, há quanto tempo trabalhavam na construção civil. Nas duas cidades, a grande maioria respondeu trabalhar há mais de 3 anos. Números

que em ambas passaram de 80%. O que mostra que o profissional da construção civil está há bastante tempo na mesma profissão, além de mostrar também, que se tem pouco aquele profissional que trabalhada na área apenas provisoriamente.

Outro ponto interessante de se dizer, é que a mão de obra da construção civil no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, quer continuar a trabalhar na área. Dos entrevistados, apenas 3% em Tramandaí e 5% em Capão da Canoa, disseram não ter o interesse em continuar trabalhando em obras.

Partindo para o lado qualificatório da mão de obra, perguntou-se, se eles já tinham feito algum curso relacionado à construção civil. Mesmo não sendo especificado que fossem cursos de melhoria de suas atribuições, sabe-se que até cursos de conscientização sobre segurança do trabalho, podem melhorar a produtividade. Mesmo assim, 65% em Capão da Canoa e 67% em Tramandaí, disseram nunca ter feito nenhum curso relacionado a construção.

Quando indagados se gostariam de fazer algum curso, melhorando suas atribuições ou aprendendo novas funções, a grande maioria das duas cidades disse pagar do próprio bolso, se esses fossem de bom proveito. Mas ainda existem os que dizem não querer melhorar em suas atividades. Seja por falta de tempo ou de vontade, em Tramandaí 6% dos entrevistados disseram não ter interesse em fazer qualquer curso, enquanto em Capão da Canoa esses números chegam a 15%.

Apesar da construção civil ser um trabalho braçal e muitas vezes insalubre, a satisfação levantada nessa pesquisa disse que, tanto em Tramandaí quanto em Capão da Canoa, é boa. Em Tramandaí, 84% disseram ter sua passagem na construção civil, ótima ou boa, enquanto em Capão da Canoa 90% assinalaram essas opções.

Através dos dados coletados nas cidades de Tramandaí e Capão da Canoa, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, foram verificados parâmetros diferentes. Os trabalhadores demonstraram interesse em se qualificar ou melhorar suas atribuições, mesmo que em alguns casos preferissem que o investimento monetário não viesse deles.

Esse interesse do trabalhador em melhorar suas capacidades nos abre os olhos para um mercado promissor, de cursos preparatórios de formação profissional. Mesmo que em muitos casos o trabalhador não se disponha a pagar, pode caber ao interesse das empresas da construção qualificar e melhorar sua mão de obra, desde

que de alguma forma conseguissem fidelizar esse funcionário a sua empresa, não perdendo o valor investido.

A proposta final que fica é que as empresas se organizem, para mostrar interesse para órgãos como o SEBRAE, SINDUSCON, entre outros, abram cursos profissionalizantes e, ou de melhorias da capacitação técnica desses trabalhadores. Essa iniciativa pode ser proveniente também do Governo Federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Luiz G. A. **Gestão de Mão de Obra na Construção Civil. Projeto Final**, Publicação ENC. Projeto Final – Publicação Nº: 142-2011, Curso de Engenharia Civil, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2011.

BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide Aparecida de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

BORAÍ. (Rio Grande do Sul). **Passeando pelo litoral norte gaúcho**: Litoral do Rio Grande do Sul. atualizado em 12.03.2017 às 11:26. Disponível em: <<http://bora.ai/poa/passeios/passeando-pelo-litoral-norte-gaucha>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

BRASIL. **Mercado mantém cenário positivo para economia em 2017**: Para especialistas, Brasil encerrará o ano com menor custo de vida e maior avanço da economia. Governo do Brasil, [S.l.], 22 maio 2017. ECONOMIA E EMPREGO, p. 1. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/05/mercado-mantem-cenario-positivo-para-economia-em-2017>>. Acesso em: 23 out. 2017.

CBIC - Câmara Brasileira da Indústria da Construção: **PIB Brasil e Construção Civil**. Disponível em: <<http://www.cbicdados.com.br/menu/pib-e-investimento/pib-brasil-e-construcao-civil>>. Acesso em: 20 out. 2017.- (Gonçalves) Formas Alternativas de trabalho diante da crise econômica atual

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. (Brasil). **Sondagem Indústria da Construção**. ISSN 2317-7322. ed. [S.l.]: CBIC, 2017. 1-4 p. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/relacoesdotrabalho/media/publicacao/chamadas/SondagemIndstriadaConstruo_Abril2016.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

CORDEIRO, Cristóvão C. C.; MACHADO, M. I. G. **O perfil do operário da indústria da construção civil de Feira de Santana**: Requisitos para uma qualificação profissional. Universidade Estadual de Feira de Santana – Departamento de Tecnologia. Sitientibus, n.26, p.9-29, jan./jun. Feira de Santana, 2002.

FORMOSO, Carlos Torres; COSTA, Dayana Bastos. **Guia de Procedimento de Indicadores para Benchmarking**: Qualidade e Produtividade Para a Construção Civil. Rio Grande do Sul: NORIE/UFRGS, 2004. 53,54, 55 p.

GONÇALVES, Cláudia Simone. **Formas Alternativas de Trabalho Diante da Crise Econômica no Brasil Atual**. 2016. 8 p. Dissertação (Mestrado em Direito do Trabalho)- MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. Desafios das políticas públicas no cenário de transição demográfica e mudanças sociais no Brasil. 10.1590/1807-57622016.0136. ed. [S.l.: s.n.], 2017. 1 p., São Paulo, 2016.

GONÇALVES, Robson. **Ciclo e Tendência na Construção Civil**. Abril-2015. ed. [S.l.]: FGV Projetos, 2015. 2 p.

LEÃO, Mariana Veríssimo Monção. **Análise da Qualificação da Mão de Obra no Setor da Construção Civil na Cidade de Dourados (MS)**. 2016. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Civil)- Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campo Mourão, 2016.

LIMA, Luciana Belo de; ARAÚJO, Nelma Mirian Chagas de; SILVA, Ricardo Moreira da . **A relação entre segurança no trabalho e produtividade dos funcionários de um canteiro de obras em João Pessoa/PB**. Teoria e Prática na Engenharia Civil, João Pessoa /PB, n. 22, p. 51-60, out. 2013. Disponível em: <http://www.editoradunas.com.br/revistatpec/Art6_N22.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.

MATTOS, Aldo Dórea. **Perspectivas para o setor de construção civil em 2017**. 21/12/2016. Disponível em: <<https://constructapp.io/pt/perspectivas-para-o-setor-de-construcao-civil-em-2017/>>. Acesso em: 26 out. 2017.

MÉNDEZ, Natália Pietra. **Educação de Jovens e Adultos e o Mundo do Trabalho**. In: STECANELA, Nilda org. Fundamentos da EJA. Caixa do Sul: Educs, 2013, p. 37-53.

MIOTTO, José Luiz et al. **A Indústria da Construção Civil e a Geração Z: Argumentos para Atrair o Jovem para o Setor**. 2015. ed. São Carlos / SP: SIBRAGEC ELAGEC, 2015. 1-8 p.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. **Desafios das Políticas Públicas no Cenário de Transição Demográfica e Mudanças Sociais no Brasil**. 10.1590/1807-57622016.0136. ed. [S.l.: s.n.], 2017. 1 p.

OLIVEIRA, Nielmar de. **IBGE: total de desempregados cresce e atinge 14,2 milhões**. EBC Agência Brasil, Rio de Janeiro, 28 abr. 2017. Economia, p. 1. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-04/ibge-total-de-desempregados-cresce-e-atinge-142-milhoes>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PERET, Eduardo. **IBGE AGÊNCIA BRASIL: Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem**. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem.html>>. Acesso em: 23 maio 2018.

SINDUSCON - FPOLIS: **Sindicato das Indústrias da Construção Civil Seconci Grande Florianópolis**. Disponível em: <<http://sinduscon-fpolis.org.br/ebook-perfil-do-trabalhador-da-construcao-civil.pdf>>. Acesso em: 06 junho. 2018.

SINDUSCON-RS: **Sindicato das Indústrias da Construção Civil no Estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.sinduscon-rs.com.br/sinduscon-rs-empossa-nova-diretoria/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

_____. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Desktop/TCC's/MEU%20TC/TCC%202/Artigos/SAL%C3%81RIOS-MEDIOS-ABRIL-2018.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017

SOUZA, Janaildo Soares de et al. **Impacto da Construção Civil no Produto Interno Bruto Brasileiro**. 25-35. ed. Goytacazes: Perspectivas Online. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 2015. 4 p. Disponível em: <http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/576>. Acesso em: 25 out. 2017.

TEIXEIRA, Luciene Pires; CARVALHO, Fátima Marília Andrade de. **A Construção Civil como Instrumento de Desenvolvimento da Economia Brasileira**. 109. ed. Curitiba: Revista Paranaense de Desenvolvimento, 2005. 5 p. Atual Cenário e Perspectiva para a Construção Civil no Brasil.

VARSANO, Ricardo et al. **Uma Análise da Carga Tributária do Brasil**. 583. ed. Rio de Janeiro: IPEA/BNDES, 1998. 6 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2439/1/td_0583.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi. – 3. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ANEXO

Nome: _____ Idade: _____

Estado Civil: Solteiro Quantidade de Filhos/Dependentes: _____
 Casado
 Viúvo Cargo/Função: _____

- Há quanto tempo trabalha na Construção Civil?

Até 6 Meses entre 6 e 18 meses
 entre 1 ano e meio, e 3 anos Mais de 3 anos

- Gostaria de seguir carreira na Construção Civil?

Sim Não

Sim, se fossem boas as oportunidades de crescimento de salários/Funções.

- Já fez algum curso relacionado a Construção Civil?

Sim Não

- Gostaria de fazer algum curso que lhe ajudasse a melhorar suas funções ou até mesmo que lhe ensinassem novas?

Sim. Se fosse de bom proveito, pagaria do meu bolso.
 Sim, se eu não precisasse pagar por isso.
 Não. Não disponho de tempo para isso.
 Não, Não me interessa em melhorar minhas atribuições.

- Seu grau de satisfação em trabalhar na Construção Civil?

Ótimo, Bom Regular Ruim Péssimo